

Stadium

N.º 184 — 12 de Junho de 1946 — Esc. 2\$00

OS JUNIORES DO SPORTING



O "Team" de juniores do Sporting C. P., campeão de Lisboa e finalista do campeonato de Portugal.



OS JUNIORES
DO SPORTING
FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

A ILUMINANTE

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA

N.º 184 * 12 DE JUNHO DE 1946 * PREÇO 2\$00

ANDRÉ SCHEWARZ é um técnico de primeira água. De alto a baixo, Demonstrou-o durante algumas épocas no glorioso Ginásio Clube Português, como já havia acontecido na Real Sociedade Ginástica de Madrid. De resto, André Schewarz viera do seu país, a Húngria, aureolado com o título de internacional e olímpico, visto que esteve nos jogos de Amsterdam. E, além disso, trazia Schewarz na sua bagagem uma experiência extraordinária, o verdadeiro sentido de professor.

Depois de um estágio no G. C. P., o mestre húngaro voltou a Espanha. Estava contente? Não estava?

Era oportuno perguntar-lhe, agora que foi possível trocar impressões, por ocasião do sarau de ginástica luso-espanhol. O excelente professor, sem se fazer rogado, disse-nos muita coisa de interesse para os portugueses amigos da Educação Física.

Escreve ele os seus próprios pensamentos, já depois do concurso de Madrid:

«— Posso dizer-lhe que na época actual organizei na Real Sociedade Ginástica Espanhola, uma classe infantil mista, uma de adolescentes, uma de senhoras e outra de homens, e ainda outra para ginástica de aparelhos. Todas as classes são de recente organização, visto que depois da minha saída, em 1936, tudo se desperdiçou sistematicamente. A frequência media em todas estas classes é de 200 alunos, que não é muito, mas quando comeci no Ginásio Clube Português, há 10 anos, tão pouco tinha mais gente.

«As minhas possibilidades de trabalho em Portugal, no entanto, eram indiscutivelmente melhores. Mas em Espanha há elementos admiráveis: trabalhados com tempo, fariam sucesso. O problema da educação física em Espanha, todavia, está longe de ser completo. As entidades oficiais competentes, em meu juízo, não estão bem compenetradas das possibilidades e importancia da ginástica. Aqui está a razão porque nas Olimpíadas não conseguiram os espanhóis fazer nada de notavel. Em resumo: — aqui há muito que fazer, mas para isso é necessário um spolo mais decisivo. Devem afastar-se tambem muitas competencias duvidosas.

— Se fôsse convidado novamente para um clube português...

— Mentiria se lhe não afirmasse que, profissionalmente, prefiro trabalhar em Portugal. Em Espanha a profissão está mal remunerada e a minha situação económica é bastante inferior à que tive em Lisboa. Portanto, se o Benfica me convidasse para a próxima época, talvez não diria que não...

— E se fôsse o Ginásio?

— Bem vê: — o meu antigo clube está bem servido. Seja como fôr, tenho saúdaes de Portugal. Aqui, veja o meu amigo, só a «Marca» fez algumas referencias à ginástica. O resto da Imprensa esquece-se lamentavelmente, e até se esquece que em 7 meses de trabalho se apresentaram varias classes espanholas numa competição honrosa para eles. As equipas portuguesas que vieram a Madrid eram seleccionadas e denunciavam uma preparação longa, visto que ainda vi mulfões dos meus antigos e simpáticos alunos e alunas, e não se poderia fazer melhor da nossa parte.

«Havemos de ter paciencia. Desportivamente, este encontro deixa-me completamente satisfeito.

Assim nos falou André Schewarz, um professor de fibra, um técnico que deixou em Portugal uma excelente obra, infere-se das suas palavras que não se desgostaria voltar. O nosso país criou já uma elite no campo desportivo, e estas referencias saudosas do mestre húngaro revelam-nos claramente a excelencia de um trabalho firme e dedicado.

E que refresse Schewarz. Os bons técnicos são sempre bem recebidos!

RODRIGUES TELES



Alunas do Ginásio Clube que aprenderam com Schewarz



O professor húngaro com antigos alunos do Ginásio

Senhoras da Real Sociedade que dançaram a «Chula do Douro», sob orientação de Schewarz. O conhecido técnico da ginástica levou para a Espanha, nos seus ouvidos e em vários discos, música das mais populares. Em Madrid, adaptou-as a vários esquemas de ginástica, e o certo é que tanto portugueses como «nuestros hermanos» gostam e aplaudem com decidido entusiasmo



As senhoras da Real Sociedade Juventude, que se distinguiram na ginástica das paralelas e bancos suecos

Taça de Portugal

Como grande surpresa, a eliminação do Benfica! — Nas meias-finais: Sporting, Atlético, Famalicão e Porto

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA



A vida da bola é assim! Quem havia de dizer, antes da Taça de Portugal começar a disputar-se que os dois mais categorizados do Campeonato Nacional, Belenenses e Benfica, não chegariam às meias-finais, e que nesta fase se encontraria um concorrente que se chama Famalicão? Mas estas surpresas são próprias de uma competição como a Taça de Portugal, mormente quando se disputa em uma única eliminatória de uma só mão, tornando-se os deslizes em fatalidades. Por outro lado, no fim da época, os concorrentes estão saturados da bola, e isto não deixa

ao Sporting. Os resultados são desequilibrados: três e quatro bolas de diferença, respectivamente, num e noutro lado. Isto mesmo faz supor domínio de um dos concorrentes, e fraqueza do outro. Tanto o Boavista como o Vitória de Guimarães lutaram com ardor e do princípio ao fim. Mas a sua capacidade técnica era nitidamente inferior, e esta pareceu-nos a razão principal das derrotas. A exibição dos portugueses não teve a clareza da ligação e movimentos que seria para desajar. Quer dizer, o team, apesar do seu triunfo, não forneceu a medida de que é capaz. Estamos firmemente convencidos que ainda poderá fazer melhor... Em Coimbra, o Sporting comportou-se muitíssimo bem, prati-



Martins intervém numa jogada por ello

de influir no jogo. E as lesões aparecem com o valor de catástrofe.

Nos quartos de final verificaram-se os seguintes resultados: No Estádio Nacional: Atlético 3-Benfica 2; e Famalicão 4-Elvas 3.

No Estádio do Lima: Porto 3-Boavista 0.

Em Coimbra: Sporting 5-Vitória de Guimarães 1.

No que diz respeito às lutas no Estádio Nacional, os vaticínios falharam. Já outro tanto não se pode dizer fora de Lisboa. O Porto venceu o Boavista com relativa facilidade, e o mesmo aconteceu

quando futebol pensado e não jogo à deriva. Algumas das suas jogadas, da série dos lances estudados e pacientemente preparados na lição técnica, constituíram exemplos modelares de execução por parte de um grupo — que se aproxima do título a passos de gigante...

As surpresas escolheram o Estádio Nacional para a sua aparição. A cor encarnada esteve em desgraça. Numa e noutra hipóteses, tendo em conta a realidade dos factos ou a forma como o desfecho decorreu, os números exprimem a verdade do jogo. Famalicão jogou razoavelmente,

VOLEIBOL O CAMPEONATO DE LISBOA

DEPOIS de uma grave crise dirigente, que la pondo em risco lodo a obra tão dificilmente elaborada, os novos elementos da Associação conseguiram pôr em marcha o seu campeonato nas duas divisões, estando marcado para breve o início do torneio de Preparação.

Com 25 clubes inscritos nas suas competições oficiais por intermédio de cerca de 70 categorias e meio milhar de jogadores, a Associação de Voleibol enfileira sem dispor e par dos mais activos organismos regionais, mostrando à evidência a enorme expansão que o excelente jogo desportivo que dirige está tomando no meio lisboeta.

Há ainda um esforço de propaganda a empenhar para conquistar ao voleibol o Interesse do público, mas alguma coisa se conseguiu já, pois aos encontros principais nunca faltam espectadores, e espectadores animados.

O torneio da Divisão de Honra, que o adiantado da época obrigou a disputar apenas numa volta, ficou, por motivos inconcebíveis, privado de dois dos seus mais categorizados participantes, o Internacional e o Parede, os quais — ao que parece — se esqueceram de inscrever os seus jogadores dentro do prazo legal e foram assim eliminados por falhas de comparência. Na Primeira Divisão, sucedeu o mesmo ao Oeiras

na primeira jornada, embora os motivos pareça terem sido diferentes.

Pela marcha do campeonato, ao cabo de três rondas, parece concluir-se que a categoria de jogo baixou sensivelmente e que, uma vez mais, o Técnico será campeão.

Alinhando apenas sem Arruda, o grupo dos engenheiros viu-se e desejou-se para vencer o Benfica, que, na terceira partida, chegou a levar a vantagem 16-7; não assistimos ao encontro, mas vimos no domingo passado e luta entre o Benfica e o Sporting, que os clubes conseguiram arrancar com o máximo custo, mas absoluta justiça. A qualidade de jogo deixou muito a desejar, pela disparidade de valor entre os componentes de qualquer dos grupos, e por isso nos surpreende que o sexteto do Técnico, com cinco titulares, só tenha conseguido, frente aos encarnados, uma vitória difícil.

Continua a verificar-se a mesma deplorável falta de árbitros; o problema requer urgente solução. Já infui, embora possa parecer paradoxal, na qualidade de jogo das equipas.

A falta de confiança nos juizes de ocasião gera o enervamento dos jogadores, leva-os a intervenções que não lhes seriam permitidas por um árbitro com a necessária autoridade.

José de Eça

JOGOS DE PASSAGEM

O Estoril e o Arroios vencedores

A primeira jornada dos jogos de passagem de divisão disputou-se no último domingo, e se não temos ocasião para registar qualquer surpresa, há pelo menos motivo para referir o fraco resultado do Estoril,

e quando sentiu o adversário fraco — aproveitou essa fraqueza. O Atlético entusiasmou-se com o seu próprio jogo, desenvolvendo os melhores lances que se produziram na incomparável relva do Vale do Jamor.

Certamente, os vencidos poderão apresentar atenuantes. O Sport Lisboa e Elvas virá-se privado, por virtude de lesão, do avançado-centro, o elemento perfurante e realizador da sua primeira linha. E o Benfica alinhou com uma parêntese defensiva, por incapacidade manifesta dos titulares, que estava longe de corresponder às exigências do conjunto. Quantas vezes, porém, temos dito que a lei da forma e das lesões influi em futebol, em termos de dar e tirar títulos?

Quando escrevemos, ainda não se efectuou o Sorteio, a operação da qual depende em grande quinhão a marcha dos acontecimentos. Mas a Taça de Portugal apresenta um aspecto curioso. Está a abrir as portas àquelas que costumam ser apenas vítimas. Tratando bem alguns dos tiranos. — T. S.

no seu próprio campo, contra o rapazes do Fósforos.

Ganham os estorilenses por 2-0, resultado excessivo para as suas possibilidades. Claro que há ainda outro desafio para jogar, embora no campo «Engenheiro Carlos Salazar». Seja como for, o conjunto do Fósforos deu boa conta de si, contra tudo o que se esperava. O Estoril é grupo jogado, já com muita experiência, e conquistou há pouco o título nacional da Segunda Divisão. O Fósforos, com largo período de descanso, indicou-nos que ainda sabe jogar «a sua cartada». Pois a ver vamos...

O Desportivo de Arroios triunfou no primeiro encontro, e logo no campo do Olivais, seu adversário. A simpática equipa dos campeões da 3.ª Divisão tem trabalhado muitíssimo, dirigida agora por Jorge Vieira, e esta vitória merece por isso elogios referências.

É muito possível que as coisas estejam mais facilitadas para a jornada seguinte, a efectuar no seu ambiente, mas os energicos jogadores do S. L. e Olivais podem queimar ainda muito bem o último cartucho. Seja como for, as acções do Arroios sobram bastante, tanto que se acredita, desde já, na sua entrada na Segunda Divisão.

Mas como até o levar dos custos é vindima, não deixe de pensar-se em surpresas...

Ano IV — II Série

Lisboa, 12 de Junho de 1946

N.º 184

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Directo e Editor: DR. BULHERINO DE MATOS
Chefe de Redacção: TAVARES DA SILVA
Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA
REINCL. N.º 1. ADMINISTRACIÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º — Telef. 51146 — LISBOA
Execução Gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA

O comportamento dos portugueses à luz da verdade e dos factos

Falta de preparação adequada — e não só pouca sorte...

Pelo que tem sido escrito nalguns jornais acerca da participação dos ciclistas portugueses na Volta a Espanha, consequência de entrevistas concedidas pelos corredores e também em face do que já ouvimos de pessoas ligadas à modalidade, poderá depreender-se que só a pouca sorte dos nossos corredores se deve o não terem obtido melhores resultados. Consideramos bastante nocivo para o ciclismo e até para os próprios atletas estar a insistir-se que os nossos compatriotas teriam feito muito mais se as coisas lhe corressesem também mais favoravelmente. É que a nível dos portugueses, salvo em duas ou três ocasiões, corresponderam às suas reais possibilidades de momento, e classificaram-se de harmonia com as condições em que agiram. Estar portanto a afirmar que se poderiam conquistar outros resultados se não fosse a parcialidade dos organizadores ou a negligência dos companheiros, e garantir-se que o comportamento teria sido muito mais meritório se não houvesse determinados acidentes de prova, julgamos que será criar ambiente falso às coisas, convencendo corredores, dirigentes e público de que só por infelicidade não se trouxe para Portugal o primeiro prémio individual e por equipas da grande prova espanhola...

A verdade, porém, é outra. Os ciclistas portugueses, que, diga-se desde já, foram superiores a muitos adversários e agiram sempre com um brio digno de louvores, não se classificaram melhor, no conjunto da volta, porque não puderam, porque as suas condições físicas não permitiram, porque não estavam preparados para corrida tão violenta e também — isto é um facto a entender — porque estavam num plano de inferioridade numérica, em relação aos adversários espanhóis, únicos a nível que dizem sempre a forma como a prova é disputada, e que elevam ou diminuem as possibilidades dos restantes corredores, consoante as suas conveniências desportivas, atléticas e comerciais.

A chuva, o frio e o vento encontrados, em escala pouco vulgar, na maioria das etapas, inferiorizou de facto um pouco os nossos representantes. A queda de Rebelo também trouxe a este estradista algumas possibilidades na segunda e terceira tiradas. Mas tais percalços, comparados com a impossibilidade que os ciclistas demonstraram de se recompor nesses etapas, e ainda a inferioridade patenteada nas tiradas de Alcaniz-Bajar e Bajar-Cáceres —

cominhadas onde perderam mais de uma hora em relação aos primeiros — pouco ou quase nada contribuíram, no conjunto da prova, para os mediocres resultados obtidos.

Não foi, acentue-se, por falta de brio ou de vontade que Rebelo não conquistou o sexto lugar, como em 1945. Também não se pode atribuir a ausência de pundonor as classificações de Lourenço, Jorge Pereira e Aristides. Outros corredores, de moral menos sólida e mais impressionáveis, teriam abandonado na caminhada para Cáceres, depois de notarem que não podiam «rolar», que o organismo não se recompunha nem reagia para, pelo menos, poder manter a cadência vulgar das nossas competições.

Os portugueses continuaram a dar na corrida, caminhando por vezes em precárias condições físicas, lutando sôzinhos, porque nem nas rotas dos adversários podiam manter-se, mas lutando sempre, sem cuidar de saber se eram últimos no final das etapas.

Que não podiam fazer mais, sobretudo enquanto não adquiriram o «calor» suficiente, prova-o a sua corrida na etapa contra-relógio para Bajar em que gastaram 2 h. 10 m. para cobrir 73 quilómetros, quando entre nós se fazem 100 quilómetros em 2 h. 40 m. E depois, o caminho de Cáceres, os portugueses, sofrendo moralmente, sem se terem referido ao esforço despendido — tal como sucede quando se perdem uma ou mais noites e se repousa apenas escassas horas — sendo os primeiros a «descolar» dos homens da frente, deram novamente indícios de não estarem preparados para tarefas tão difíceis.

Não se depreenda, todavia, pelo que escrevemos, que as equipas portuguesas, ou, por outra, que quatro ou cinco corredores lusitanos, nesta ou noutra Volta teriam de se contentar sempre com os resultados agora obtidos. Nada disso. Estamos convencidos de que um núcleo de estradistas — pouco numeroso, é certo, dado que atletas de classe não abundam presentemente em Portugal — poderá, mesmo contando já com as condições especiais em que terão de lutar, fazer tão boa figura como os holandeses e muito melhor que os suíços.

Trabalho meritório será, portanto, ao avaliarmos a acção dos portugueses em Espanha, não insistir na afirmação de que foram infelizes, mas sim divulgar a inferioridade atlética em que estavam quando alinharam em Madrid e a maneira e as condições em que correram. Evitando-se que partam de novo para o estrangeiro com treinos tão inadequados e insuficientes, aumentem-se-lhes as suas possibilidades de atletas. Tornando-se conhecido o plano de preparação técnica e de conjunto em que são obrigados a

correr em Espanha a nossa ou qualquer outra equipa que não seja nacional, também se contribui para que o esforço dos nossos representantes seja justamente compreendido.

Porque não é apenas com umas centenas de quilómetros percorridos com bom tempo e feitos numa cadência moderada, que só servem de treinos para correr provas de 50 a 200 quilómetros escalonados pelos domingos de Abril a Maio, que se pode ganhar, para disputar capazmente, numa Volta a Espanha e não é também tomando como base os resultados daquelas provas que podem escolher-se os melhores elementos para representarem Portugal numa competição de 23 etapas. Isto já nós vimos escreverem desde 1945 e parece que só agora, depois da volta deste ano, foi finalmente compreendido...

Este é todavia um problema que poderá resolver-se satisfatoriamente.

Quanto ao plano de inferioridade numérica e a todos os outros problemas que de si derivam — menos entreejada, vigilância mais apertada e menos oportunidade de fugas ou maior dificuldade de «recologia»,

isso teremos de nos convencer que é mesmo assim.

Nunca uma equipa portuguesa estará em plano de igualdade na Volta a Espanha, com as equipas espanholas, enquanto estas tiverem fábricas que as subsidiem, corredores que se prestem a ajudá-las, aficcionados dispostos a subsidiar-lhes os gastos e ainda um espírito de disciplina e de sacrifício a aumentarem-lhes as possibilidades técnicas.

Não era um Rebelo, sôzinho que podia romper, atacando com êxito, e coligação Galindo — grupo que desta feita nem os próprios «Pirellis» conseguiram desbaratar. Não era também a circunstância de já haverem partido de Portugal alguns homens com contratos especiais que dava à equipa a homogeneidade necessária, nem foram também as [faltas de] última hora, que forçaram a ficar no país alguns dos melhores elementos, que ampliaram as possibilidades da equipa.

Portanto, convencemo-nos de que os resultados obtidos pelos quatro portugueses foram normais e aproveitamos a ocasião dos factos para futuras deslocações.

Gil Moreira

O Grande Prémio da Primavera em ciclismo

O Grande Prémio da Primavera, interessante inicialmente dum grupo de clubes da capital, que compreende uma série de 5 competições, para iniciados e amadores, teve no domingo as suas primeiras provas. Disputou-se o «Lisboa-Malveira-Lisboa», em duas etapas, com classificações distintas e ordenadas por categorias.

Os iniciados, antes de concluir a primeira tirada, deram duas voltas à vila. Os amadores cobriram quinze vezes o mesmo percurso — deliberação que se tornou desproporcionada, pois a distância excedeu tudo quanto a boa lógica indicava. Tratando-se de corrida por etapas, com classificação pela soma de tempos, dado o mau estado das estradas dentro da Malveira e ainda a dureza do percurso, que provocou inúmeros baixos, tudo quanto fosse mais de quatro ou seis voltas era exagero. Na primeira tirada triunfou Francisco Menique, depois de prova conduzida com inteligência e durante a qual se evidenciaram António Baptista, Fernando Graça, Oliveira e Cunha, Herculano Constantino e Eugénio Coelho. Por equipas, o Benfica demonstrou superioridade conquistando o primeiro lugar, seguido do Sangalhos e da Iluminante.

João Nunes, a confirmar o seu

título de campeão regional de amadores, teve por meritório a lutar sôzinho contra Luis Santos e Maximiano Rôa, ambos do Lisgás, vencendo bem na embalagem final. Nesta corrida mostraram-se ainda superiores aos restantes Henrique Mendes, Manuel Gonçalves e Guilherme Jacinto. Na segunda etapa, que terminou no Campo Grande, Herculano Constantino, mercê do seu brilhante final de prova, venceu em iniciados, seguido de Miranda Soares, Manuel Francisco e António Baptista, sendo Henrique Mendes, em amadores, o primeiro a chegar, à frente de João Nunes, Manuel Catarino, Emílio Pereira e Luis dos Santos.

Vitórias individuais no conjunto das duas tiradas de Herculano Constantino, em iniciados, e João Nunes, em amadores, pertencendo ao Benfica e ao Campo de Ourique os triunfos por equipas.

Um pormenor: quer na ida para a Malveira, quer na vinda, os iniciados fizeram melhor tempo que os amadores.

Em um alvitre: nas futuras provas há que escolher percursos de melhor piso, a fim de dar às competições possibilidades de luta mais equilibrada e reduzir ao mínimo o número de evórias.

G. M.

Stadium e o Portugal-Irlanda

À semelhança do que costumamos fazer, a nossa Revista publicará o seu próximo número dedicado ao Portugal-Irlanda, de futebol, que se disputa no domingo, 16 de Junho, no Estádio Nacional.

Pedimos, entretanto, aos nossos Assentados o favor de nos indicarem, até ao dia 15, sábado, o número de exemplares que necessitam — a fim de podermos atender todos os pedidos.

O FAMILIÇÃO

PROGRIDE COM FIRMEZA

VOLTAMOS a insistir neste aspecto, interessante e valioso: a bellissima contribuição que nesta época de futebol — prestes a chegar a seu termo — deram os clubes da provincia. E a confirmação da grande popularidade do jogo. Depois das magnificas presenças do Elvas e do Oliveirense no Nacional aparece-nos o Futebol Clube de Famalicão a impor-se na «Taça de Portugal». Simpaticamente, sem esconder a importância que pertenceu aos adversários, atribuindo-lhes, justamente, o seu valor, o Famalicão apareceu-nos bem disposto para a luta, impressionando pelo seu à vontade e, ao fim e ao cabo, dando-nos a perceber que também tem o seu valor, o seu sistema, os seus desejos e as melhores aspirações.

O grupo do Famalicão saltou em Lisboa rodeado de bons propósitos mas olhado pelo «melo» com descrença. Afinal, concluídos os jogos do quarto de final da Taça, o Famalicão abandona o Estádio Nacional vitorioso. E passou às meias finais...

— Mesmo que não vamos mais longe — disse-nos o seu director sr. Heitor Coelho — ficamos de bem com nós próprios. Creio que a nossa presença na Taça bem pode justificar o alargamento da divisão. A provincia está alerta, a dizer bem firmemente que já é grande o valor ao seu futebol. Queremos viver... Temos as nossas possibilidades clubistas.

Neste momento interrompe-nos o treinador famalicense, Genzi Desco. — Amplamente justificando o alargamento da Divisão. Acho até que cada região deveria ter na prova dois representantes. Isto valorizaria o campeonato e, domingo a domingo, em cada região, haveria um jogo de interesse.

O treinador do Famalicão é uma figura curiosa. Hungaro de nascimento dispersou a sua vida de desportista pelo estrangeiro vindo há anos para Viana do Castelo e Porto. Depois passou ao Famalicão onde, segundo nos disse, se sente muito bem.

— O meu grupo agrada-me imenso. Tem vontade e boas possibilidades. Existem valores neste grupo de rapazes de 23 a 25 anos e muito jovens que estou a treinar com vista ao futuro.

— Quais as características técnicas do seu grupo?

— Pode-se talvez apreciar desta maneira: uma mistura de passos longos e curtos adoptando este sistema consoante as necessidades do jogo do adversário e especialmente insistindo no jogo razo e de boa desmarcação.

— Nota diferença entre o futebol de quando veio para Portugal e o que hoje se vê jogar?

— Bastante. Nesse tempo o futebol português vivia muito do jogo individual. Hoje vê-se, e com agrado, um maior conjunto. Equilibram-se os valores.

— No Famalicão?

— Todos.

— Os estrangeiros?

— Tellechea e Szabo ligam a sua experiência à vivacidade de Pires e ao entusiasmo e acerto com que todos os jogadores de Famalicão se comportam. Por mim estou satisfeito com todos. Chegamos a um resultado de muito agrado. E não foi por acaso.

— Como encara o jogo de passagem?

— Com muita confiança e muita fé!

Estamos à porta do Hotel rodeados por todo o grupo de Famalicão. Voltamos a falar com o director:

— Resultados futuros desta presença na Taça?

— Uma ajuda ao grande interesse e entusiasmo que reina em toda a região, não só pelo ambiente que já disfrutávamos como por este nosso comportamento na taça. Não calcula como se tem interessado pelo nosso clube os famalicenses. Reparou na falange de apoio que trouxemos? Mais de 300 pessoas. Isto é elucidativo.

— A vida clubista do Famalicão?

— Caminha em forma de grande entusiasmo. Há mais sócios, o clube progride. Pode-se pensar mais largamente em projectos vários.

— Há algum de momento?

— O nosso Estádio. Devemo-lo inaugurar em Setembro. Deve ficar uma boa obra, com a ajuda da nossa Câmara Municipal. Fica bem situado, na estrada Porto-Braga, logo à saída da vila.

A nosso lado está o pequeno Pires o ex-benfiquista que em Famalicão conquistou o seu lugar.

— Satisfeito? — perguntamos.

— Muito. Não quero outro clube nem outra terra.

E V. Szabo, que pensa dos seus companheiros?

— Muito bem. Todos bem, contribuindo para esta posição que conquistamos e que merecemos.

Eram horas dos jogadores famalicenses abalarem para o Estádio Nacional. Iam satisfeitos, alegres mesmo, e confiados. E tinham razão para isso. A vitória já lhes sorria...



A equipa do F. C. Famalicão — que eliminou a Olhanense e o S. L. Elvas...



Os jogadores, dirigentes e simpatizantes, passeiam por Lisboa antes do último jogo



Fernando Sá conversa como treinador Genzi



Pires e Szabo — um jovem de aspirações e um veterano que sabe do seu ofício

Fernando Sá

GREGÓRIO, ainda e sempre, ontem como hoje, é um caso apaixonado, à margem de toda a discussão, aliás inútil. Recordamos alguns poucos reparos à sua maneira de tourear, mas aceitando que este ano voltou mais calmo, melhor, para nós que não para os seus admiradores, escrevemos, e parece que com razão, porque o Campo Pequeno já se não encheu como na última tarde, como antes.

Simão obrigou bem o seu 1.º, do sr. José Guerra, cravando tres farpas, deixando-se ver, e passando aos curtos, brilhante o 1.º, e ovacionado. O touro inticou a retirada com vista às táboas, e Correia conseguiu colocá-lo no meio da arena, mas tem de repetir porque o touro insistiu em voltar às táboas, e aí foi Simão por ele e cravou o 2.º curto, aplaudido.

Garrett foi volteado tres vezes, e Leopoldo Alves mandou recolher, com aplausos, e protestos.

Os fiéis de Gregório aplaudem-no quando vai levar a farpa a José Casimiro que se encontra com um irmão do anterior, mais manso, ao parecer, e de facto, porque tardou a decidir-se a tomar a 1.ª farpa. Difícil foi também a 2.ª, Palmas. Laboriosa foi a preparação do 1.º curto, com intervenções de Procópio e Florez, arriçando-se José Casimiro na querença do chiqueiro, e conseguindo alfin. Mais palmas, e mais nada, a não ser a valentia dum dos de Alcochete, bem embarbelado. Palmas e chamada.

Sae um dos srs. Oliveira, Irmãos, desembolado e Escudero deixa-o passar bem, à «verónica», com seu fino estilo de «capotear». Nova série de «verónicas», e remata com graça, e palmas. Gregório intervem, por «chicuelinas» e «verónicas», apertando-se, e ouve palmas «rabiosas», que aliás se repetem para Escudero, sábio e artista. Moreira e Amaro bandarilham, bem o segundo, aplaudido. Escudero brinda ao público e pára-se em bons «derechazos». Palmas. Continua parado e aguenta uma arrancada de manso e várias investidas incertas do exgotado touro. Quatro «Manoletinas» dignas do «Monstro». Ovação. Volta a aguentar o manso, sem lhe perder a cara, e remata tocando o focinho. Nova ovação e novas «Manoletinas», e um «molinete» bárbaro. Palmas. Alinha, sofre uma perseguição, e simula bem a morte. Ovação e volta do bom toureiro da «calle de Embajadores» que em San Sebastian ia encontrando a morte num «quite» a Gregório.

Outro dos srs. Oliveira que Cegarra dobra a uma mão, e depois Guisado. Gregório, como o touro investe mal à verónica, corre-o por deante, por aí fora. Escudero toureia por «verónicas» para exemplificar como se pratica esta sorte quando os touros se param nela. Palmas. E protestos depois, para Gregório, aumentando quando este se recusa a bandarilhar, missão de que se encarregam Fernandes e Dias. Gregório brinda ao dr. Emilio Infante «ganadero bueno» — disse — e começa dobrando-se bem com o touro e aguentando-o em vários passes, parado, e depois por «Manoletinas». Ovação. Continua, por alto, com despiantes que entusiasma a maioria. Simula a morte e ouve mais palmas.

Após o intervalo sae outro Guerra ao qual Simão dá guerra brava, cravando 2 farpas magníficas. Palmas. Depois um curto dos seus, enorme! Palmas entusiásticas. E outro ainda maior, ainda mais aplaudido. Grande é o cavaleiro, e grande o seu cavalo «Bombita», mas o touro é que vai a menos, dificultando a continuação da lide magnífica, própria de Simão como ele quere. Entrando de frente, de largo a largo, um curto superior. E, a fechar, por dentro, apertadíssimo, outro curto, indiscreto, levantando todos, como movidos por mola oculta. Pega rija do decano dos de Alcochete, e volta com Simão, novamente triunfante.

José Casimiro toureou com seriedade o bicho seguinte, cravando duas boas farpas, e um bom curto, e após esforçadas tentativas, outro, bem aplaudido. Uma cernelha derrotada, e renovada em tentativas prolongadas, e inúteis. Chamada a José Casimiro.

Sai o penúltimo, da corrida e dos de Oliveira, e Escudero lança à «verónica», com arte, e por «chicuelinas» com graça, e repete à «verónica», que é o passe natural com a capa.

Gregório, com o capote por trás, dá vários lances variados. Palmas. Moreira e Amaro bandarilham difficilmente. E é com dificuldade que Escudero «muletea» o touro, fugido, e defendendo-se do vento, que é pior inimigo, e por tudo isto Leopoldo Alves manda tocar a recolher. Palmas a Manolo Escudero pela boa vontade.

E sai o último Oliveira, e Gregório toureia por «parones»! E há realmente um momento de emoção, por vários motivos e pela valentia do toureiro também, naturalmente. Pelos aluidos motivos, surge uma colhida espectacular. Depois desce em valentia, ganhando em aparato, mas o público não é indiferente à intervenção mais sábia de Manolo Escudero. Gregório agarra nas bandarilhas e crava, ao seu estilo, dois pares, e um ao «queibros». Ovação grande, gregoriana, com gritos femininos. O idolo agradece satisfeito e brinda ao sr. Consul do México e faz uma faena em que há bons «derachazos», alguns seguidos, e todos apertados, de verdade, e depois com a esquerda, enorme, e «mata».

Julzo Crítico

Dos touros merece distincção o último dos sr.ºs Oliveiras que coube a Gregório Garcia e lhe permittiu o atrás referido êxito. Os de Simão da Velga pareceram bravos porque a imprime até aos mansos que toureia. No seu segundo voltar a triunfar uma vez mais nesta temporada de êxitos — já lhe perdemos a conta, como nos anos de Simão que deve estar cada vez mais novo a julgar pelo toureio moço que prodigaliza. Sem favor, da época de touros em Portugal tem sido Simão o heroi, até agora, até ontem, pelo menos.

José Casimiro toureou com seriedade, honradamente, e ficou onde estava, à espera de oportunidade para subir mais ainda.

Voltámos ontem a ver tourear bem à «verónica», que é o melhor e mais sério que se faz com a capa, e devemos-lo a Manolo Escudero, o bom toureiro de Madrid. Também com a «muleta» toureou bem, o seu 1.º que o 2.º estava impossível, mas é com a capa que verdadeiramente nos satisfaz este toureiro, digno conterrâneo daquelles «señor Cayetano Sanz» que tão bem toureava à «verónica».

De Gregório nada há a acrescentar, a não ser um novo êxito espectacular, o do último da tarde, um touro ideal, aproveitado com valentia. Da parte de Garrett o mais valente foi o mais velho, e dos bandarilheiros o mais novo, Rogério Amaro, num par. Procópio, Gomes, Correia, Fernandes, os do costume na brega. O Leopoldo Alves dirigiu bem, com calma e energia.

«EL TERRIBLE PEREZ



Este foi o touro do sr. dr. António Silva, bravo, bonito, gordo, que teve o prémio da 1.ª das corridas-concurso, de Santarem, para que foram anunciadas varas, proibidas à última hora, pelo que se adaptou mais às circunstâncias o do sr. José Infante, «teretado», fino, bravo e nobre até final. Brillante foi o touro do sr. dr. Emilio Infante lidado na mesma tarde e que teve o prêmio de touro de casta portuguesa, classificação aliás muito elástica. A favor destes touros, e dos toureiros a quem coberam, fala e fotografia da arena, encharcado, coberto de palha, um palheiro sobre a lama, e sob chuva constante. Na 2.ª corrida, sem chuva, com bom piso, lidaram-se touros que, sem agravar, justificariam ter sido o concurso considerado deserto. Este teria sido o nosso nota — El Terrible Perez

NO CONVÍVIO

com os internacionais em Venda do Pinheiro

O jogador Benes, da Associação Académica, ainda há pouco tempo no Portalegrense, que o Seleccionador incluiu na lista dos internacionais, é um rapaz simpático e vivo, e de excelente camaradagem, conquistando, num ápice, a amizade de todos.

Outro dia, a propósito da entrevista publicada na B.1a, que dava Benes como tendo 18 anos e 1 metro 64 de altura, o jogador da Académica confidenciava gaiatamente:

— Lá 18 anos é verdade. Mas, aqui para nós, eu aumentei dois centímetros na altura...

Na sala de estar da Venda do Pinheiro retine o telefone.

Todos os jogadores, à uma, chamam logo: — Feliciano! Vai ao telefone...

É, na verdade, o rapaz mais solicitado!

O anúncio das 3 vigas publicado no «Diário de Notícias» não afinou qualquer dos elementos da defesa do Belenense.

Alé acharam graça e fizeram graça com o caso...

Araújo e Caiado seguiram no rápido, de sábado, juntos, para o Porto.

Alguém lhes disse: — Podem ir combinando pelo caminho o jogo a fazer...

— Deixe-me cá! — responde Araújo. — não calcula a minha preocupação. Se jogo mal, o menos que me dizem é que us'os jogo bem na Selecção Nacional!

Patalino e Feliño, um anançado e um defesa, dão-se muito bem.

Em conversa, Patalino dizia que gostava de jogar contra o Feliciano. Depressa Feliciano acrescentou que gostava de jogar contra Patalino.

Logo começaram os dois a relembrar jogadas. «Recordas o que eu te fiz em tal jogo?...» É assim a camaradagem.

A eterna conversa com Salvador, um dos mais calados, é a de o Oihanense matar o carneiro — quando bencer ao Sporting...

Rogério é um dos jogadores mais em foco na graça dos companheiros. Verdade seja, ele tem sempre troco para dar...

As vezes, tentam driblá-lo, mas ele acaba por marcar goal!

Em ordem de serviço, o brigadeiro Manuel Nogueira, pelos relevantes serviços prestados à Selecção Nacional, foi promovido a general da... Venda do Pinheiro.

CONTRA A IRLANDA

A Selecção Portuguesa

apresenta-se pela segunda vez esta época, no Estádio Nacional

DESDE segunda-feira, dia 3 de Junho, que os internacionais estão em pleno campo, na Venda do Pinheiro. Em regime de vida simples e sã.

Avero Cardoso, não conseguindo licença da Intendência Geral dos Abastecimentos (apesar de todas as démarches realizadas), não primeira semana, e Fernando Peyroteo, por afazeres particulares, juntaram-se aos companheiros somente na segunda semana, isto é, há dois dias.

Todos têm seguido à risca as indicações que lhes são dadas e treinado activamente. Na primeira semana, após um treino de conjunto, contra o Estoril, muito proveitoso, os jogadores fizeram quase todos os dias exercícios ginásticos e de técnica de bola no próprio Estádio Nacional. Nesta segunda semana, pelos vistos, o regime não variará muito, diminuindo-se sensivelmente, no entanto, os treinos com a bola, para não saturar os jogadores — na natural salvação de fim de época.

Como sucedeu no estágio contra a França, apesar das más línguas, a camaradagem entre todos é verdadeiramente modelar. Por outro lado, a equipa sente-se corajosa e parece-nos apta no ponto de vista moral.

No aspecto físico, alguns jogadores encontram-se tocados (seria caso virgem suceder o contrário!), mas em condições de alinhar e de fornecer a medida máxima. No plano tático, e até devido à circunstância de se aproveitar a preparação clubista, neste capítulo, e a colocação ordinária dos elementos seleccionados nos seus teams, os jogadores sabem de fio a pavio o que importa fazer.

Nos treinos, quer teóricos e práticos, também se tem feito o possível para ligar convenientemente as unidades do ataque com os médios, dizendo-se no próprio terreno o que há a fazer, e exemplificando-se em jogadas.

A linha definitiva deverá ser a que indicámos no último número: Azevedo, Cardoso, Feliciano, Amaro, Francisco Ferreira, Serafim, Lourenço, Araújo, Peyroteo, Salvador ou Caiado, e Rogério.

Sã bem consideramos, os problemas do Seleccionador ainda são os mesmos: interior-esquerdo, e extremos, visto haver a possibilidade de passar Rogério para o direito e incluir o habilidoso Benes. Em qualquer caso, o Seleccionador tem à mão os elementos indispensáveis para as soluções e adoptar, ou que adoptar.

Os irlandeses deslocam ao nosso país uma selecção fortíssima, graças à unidade obtida em futebol entre a Irlanda do Norte e do Sul. Nunca, pode dizer-se, a Irlanda, com um futebol científico e ligado, e jogadores de bom toque e domínio, apresentaram um grupo tão forte como este: Kelly, Hayes, Aherne, Corey, Farrell, Cochrane, Sican, Welsh, Mc Alinden e Eglinton.

É a elite do futebol Irlandês que vem até à Península, e bem faz Luiz Passarin, o seleccionador espanhol, em deslocar-se a Lisboa — pois a Espanha defronta a Irlanda no próximo dia 23.

CORRE QUE...

Na hipótese, que consideramos pouco provável, do Porto se deslocar ao Brasil, o team sairá do país reforçado com alguns dos melhores jogadores portugueses. Consta-nos que vários internacionais já receberam convite nesse sentido.

♦♦ Jorge Vieira aceitou o convite do Arroios para orientar e treinar o seu grupo de honra. Já está em funções, e o Arroios atravessa um momento grave da sua vida, a passagem de Divisão.

♦♦ Um conhecido treinador português pensa efectuar em Inglaterra um longo estágio, aperfeiçoando os seus métodos e conhecimentos.

♦♦ A receita líquida do Benfica-Belenenses no Estádio Nacional andou à volta de 250 contos, bem menos do que se calculava...

♦♦ Se retira da receita dos encontros internacionais uma percentagem, que é atribuída a todas as Associações distritais.

♦♦ Proposto pelo organismo espanhol, a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho estuda um projecto de realização do Espanha-Portugal corporativo, em Outubro próximo, em Madrid.

♦♦ Confirma-se que Leippo Hertka será o treinador do Oihanense na próxima época, e de aí os rumores de que Portimão vai dar jogadores a Oihão.

Tendência para o alargamento da Primeira Divisão

1 Verifica-se em quase todos os sectores do futebol a tendência para o alargamento da Primeira Divisão do Campeonato Nacional, ideia já debatida na época transacta. Mas, como anunciada e mo questão resolvida pela Federação.

Havendo ainda projectos mais de actualidade, e também um pouco perigosos, parece-nos indiscutível que o futebol português comporta perfeitamente 14 concorrentes numa Primeira Divisão. A experiência deste ano, não sendo desanimadora, encoraja decerto para o futuro. O esforço gigantesco, quanto a campos e a melhoria técnica, deve-se, sem sombra de dúvida, ao critério de alargamento.

O Campeonato de Lisboa deve respeitar-se...

2 Por necessidade de datas, uma questão que anda presa ao alargamento é a da morte ou vida dos campeonatos regionais. Será justo acabar com semelhantes torneios?

A primeira vista, sendo o Campeonato Nacional disputado na mesma fórmula, parece de justiça. De resto, tirou-se aos campeonatos distritais a sua principal razão de ser: — alimentar a Primeira Divisão do Nacional.

Apesar de tudo, o Campeonato de Lisboa é uma competição de grande mérito, um dos maiores torneios portugueses, em qualidade de jogo, nível dos concorrentes e ainda de avultado rendimento. Deve respeitar-se... Assim como o do Porto.

O resultado de França-Inglaterra, e os ingleses...

3 Costuma dizer-se que os ingleses não se entusiasмам nem desesperam, em questões de desporto. Isto é, que aceitam os acontecimentos tal como são. Tanto importando a derrota como a vitória.

Temos fundadas razões para não acediar nesse juízo, que tem, aliás, a força da tradição. Já quando defrontámos o grupo da Aviação, os ingleses não esconderam o seu desapontamento. Agora, ante o resultado de Paris, no França-Inglaterra, os ingleses ficaram pouco menos do que furiosos... Perder é sempre muito desagradável!

Consideramos de justiça a festa do jogador!

4 Em Espanha há o uso da festa do jogador. Em muitos casos (nem sequer é preciso tratar-se de despedida!), o próprio clube interessa-se pela festa do jogador, limando arestas e destruindo dificuldades.

São, em geral, lindas festas, em que os jogadores juntam o útil ao agradável — recebendo os benefícios morais e materiais que o seu passado justifica.

Entre nós, apesar das festas de Mourão, Albino, Soeiro e poucos outros, a prática não está generalizada.

Impressões directas

do futebol espanhol

No domingo que passei em Madrid disputava-se, no Estádio Metropolitano, a segunda mão da eliminatória Madrid-Oviedo, correspondente a uma das meias-finais da Taça do Generalíssimo. O interesse do público chegava ao auge naquela tarde e, bastante antes da hora a que devia principiar o jogo, já o recinto estava completamente cheio de espectadores buliçosos.

A famosa e imponente graderia do topo sal era uma cortina negra de gente, sem uma falha, onde, contra toda a lógica, conseguiam encontrar lugar sempre mais pessoas, embora parecesse que já lá não havia lugar para ninguém.

Diziam no dia seguinte os estatísticos oficiais que tinham sido vendidos mais de 50.000 bilhetes, o que elevaria além dos sessenta milhares o total de espectadores, pela adição dos sócios do Atlé-

tico e do Madrid, entrados por legítimo direito. Devemos declarar que o número se nos afigura exagerado.

O jogo foi característico da competição: rápido, ardente de princípio a fim, entusiástico e duro, muito duro, exageradamente por parte de certos elementos do Madrid.

Quando chegámos ao campo, poucos minutos volvidos sobre o início do encontro, um reboar de aclamações saudava o primeiro ponto do grupo madrilenho, aquele que tranquilizava os seus adeptos sobre a probabilidade de acesso à ambicionada final. Esta deve ter sido também a ideia que se firmou no espírito de alguns jogadores da «equipa «merengue», os quais entenderam por certo que o bem adquirido não era para ser perdido nas insistências do ataque adversário.

Clemente e Moleiro foram os homens que mais se salientaram neste processo de «tudo serve contanto que não passem». Entravam de toda a maneira à bola ou ao homem; dentro da área agarravam os avançados do Oviedo às mãos ambas, para lhes não consentir que saltassem à bola; sucediam-se os choques rudes, que deixavam às vezes dois e três homens estendidos no solo; e sempre a mesma energia atlética, incansável dinamismo na condução dos jogos, vigor na luta e certeza nos lances.

E' diferente do nosso, o futebol espanhol; melhor?, pior?, não sei, os técnicos que o digam. Mas com certeza muito mais atlético, patenteando o maior cuidado na preparação dos homens, a forma de cada individualidade aperfeiçoada ao máximo para o rendimento da equipa.

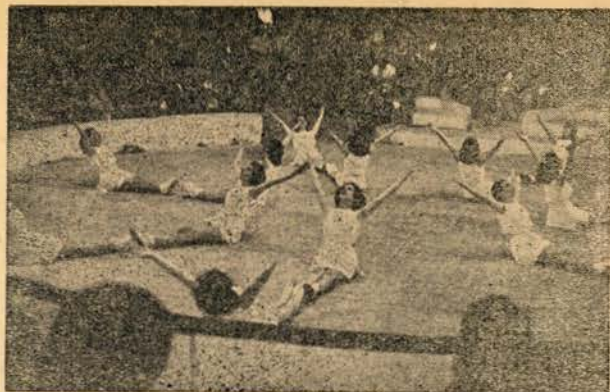
Creio que interpretarei bem a divergência existente, afirmando que os nossos jogam como amadores e os espanhóis como profissionais.

O aperfeiçoamento da técnica individual é claramente superior à média portuguesa; e a robustez física também. Quanto a sistema de jogo, posso apenas repetir o que já disse; porque se encontram bem e rigorosamente preparados, os futebolistas espanhóis mantêm, do primeiro ao último minuto da partida, a mesma fogaçidade, idêntico espírito de luta e rapidez de manobras.

O jogo dos defensores é áspero, implacável; seria um massacre para as linhas avançadas nacionais, que estão habitadas a comportamento mais comedido, mais desportivo.

Os árbitros consentem. Neste jogo que presenciámos, o público reclamou com frequência e com justiça, mas o juiz da partida era inimigo das grandes penalidades, que podiam ter mudado a feição dos acontecimentos.

Salazar Correia



A selecção de senhoras do Lisboa Ginásio, num esquema dirigido pelo capitão Marques Pereira

O SARAU DE GINÁSTICA LUSO-ESPANHOL

(aproveitado pelo nosso colaborador Manuel Mosa)

PELA primeira vez, na já longa história das relações luso-espanholas, foi possível realizarem-se em Madrid dois grandes saraus ginásticos, com a colaboração de quatro clubes dos dois países: Ginásio Clube Português, Lisboa Ginásio, Real Sociedade Ginástica Espanhola e Ginásio Clube Juventud.

Isto quer dizer, nem mais nem menos, que muito se tem progredido neste importante capítulo da educação física. Aqui há alguns anos ninguém seria capaz de supor que se deslocaassem, para Espanha, cerca de 60 ginastas dos dois sexos e que os fossem acompanhar mais de 100 pessoas. Isso admitir-se-ia só em relação... ao futebol. A ginástica, dir-se-ia, nessa altura, e com razão, não tem ainda ambiente para essas coisas!

Mas o que se mudou...

O esforço desenvolvido em Portugal por aqueles clubes, nos quais é justo aditar o Ateneu Comercial e o Sport Clube do Porto, está agora a dar os seus frutos. Madrid, esta bela cidade, onde tudo é grande, imponente e acolhedor, pôde assistir no Circo Price a dois belos espectáculos de ginástica. E vibrar com eles, aplaudir espontânea e calorosamente o desembarço das gentis ginastas portuguesas e espanholas, a destreza dos rapazes, a autoridade dos professores.

Depois do êxito brilhante do sarau realizado, dias antes, no Coliseu dos Recreios, era lícito supor que os dois saraus de Madrid alcançariam êxito, pelo menos, idêntico. Mas, sobre determinados aspectos, creio poder afirmar que os saraus da capital de Espanha excederam o que se fez em Lisboa. O público, avesso a iniciativas deste género, talvez com consequência dos muitos espectáculos de todos os géneros que a cidade lhe oferece, interessou-se a valer pela apresentação dos ginastas de Portugal. No primeiro dia en-

chea o Price. No segundo dia, com as entradas pagas, a assistência foi além do que os próprios dirigentes espanhóis esperavam. Isto que quer dizer? Tão somente que também em Espanha se compreende já a vantagem dos exercícios físicos, que também a obra de vários clubes, orientada superiormente pela Confederação Ginástica Espanhola, está a dar os seus frutos.

O primeiro sarau foi brilhantíssimo.

Desde o desfile, impressionante pelo garbo dos participantes, até à dança portuguesa, que as ginastas espanholas elegeram, como demonstração de amizade, a Portugal, tudo decorreu admiravelmente, sendo lícito distinguir, pela sua acção, o sr. Miguel Guevara Garcia, secretário geral da C. G. E.

Para além da ideia de competição entre portugueses e espanhóis importa salientar que todos, mais ou menos, foram perfeitos na execução dos seus exercícios, correctos na sua apresentação, impedíveis no entusiasmo que puseram nos seus exhibições.

As classes do professor Schwarz, muito ovacionadas, e com a maior justiça, diga-se, merecem referência especial. Distingam-se ainda duas ginastas do Juventud. Todas, na barra saeca e nas paralelas, dois trabalhos difíceis, foram perfectas.

O «corridinho do Algarve», por senhoras do L. G. C., teve honras de «bis». As duas classes de senhoras de Johansson e de Marques Pereira obtiveram o maior êxito. Tudo se conjuga: a beleza dos esquemas, a graça dos ginastas e o saber dos professores.

Na aplicada, todos, de modo geral, bem. Salientem-se, todavia: Carlos Gomes e Carlos Vitória, do G. C. P., R. Baldo Gouveia, João Macedo, do L. G. C., e os espanhóis Gutierrez e Ramon Sanchez, ambos campeões de Espanha.

No segundo sarau o êxito foi

também completo. O público aplaudia com entusiasmo as classes de Schwarz, as danças clássicas por senhoras do L. G. C. e da Real Sociedade — uma referência especial à dança «Tristesse», de Chopin, primorosamente interpretada por Silvia e Carmen Garcia — os trabalhos de aplicada, os saltos de mesa alemã, movimentados e difíceis, e a classe, já famosa, do sueco Carl Johansson: rapazes do L. G. C.

Resumindo: viagem triunfal dos atletas e ginastas dos dois grandes clubes.

E com boas consequências: estreitaram-se as relações luso-espanholas, fez-se excelente propaganda e nam almeço de confraternização, oferecido aos dirigentes portugueses pela Confederação Espanhola, foi lançada a ideia da representação dos dois países nos Jogos Olímpicos de 1948.

Todos os que estiverem nestes saraus merecem parabéns. Não lhes regateemos. Dêmo-los, até, com o maior entusiasmo, formalizando votos pela repetição da iniciativa. Que se repetirá. O sr. tenente coronel Vierna, ilustre presidente da Confederação, o disse: «no próximo ano voltará a haver este belo intercâmbio e talvez que um sarau se realize em Barcelona».

Se nos é permitida uma citação especial, façamo-la, relativamente aos saraus em si, aos srs. Miguel Guevara, Indcio Ruiz, presidente da Real Sociedade, e Schwarz. O esforço que eles desenvolveram é digno dos maiores louvores.

E, ainda, antes de concluírmos, anotemos que no primeiro sarau assistiram o «alcalde» de Madrid e o sr. Dr. Carneiro Pacheco, ilustre Embaixador de Portugal junto do Governo espanhol. Honra que todos souberam compreender, dispensando a tão distintos espectadores prolongada ovação.

○ F.C.P. derrotou ○ BOAVISTA POR 3-0



Araújo prepara um dos seus remates



Esta fase dá bem a ideia do domínio do F. C. Porto. O ataque a Oscar é rijo; e dentro das redes, há dois defesas do clube vencido...

Uma das muitas defesas de Oscar



Correia Dias e Oscar lutam por posse da bola. O «goal» veio a salvo sobre a linha de baliza

ENTRE o Porto e o Boavista (este substituindo o Salgueiros na velha luta local) há sempre pugnas de grande intensidade. Tal rivalidade dá, em certas emergências, às partidas, e assim sucedeu mais uma vez, um cunho de dureza que bem poderia dispensar-se...

O encontro não atingiu grande relêvo técnico. A ideia de vencer, e a circunstância dos jogadores se importarem mais com o homem do que a bola, deram-lhe um aspecto feio...

O Porto jogou melhor que o Boavista. Em passes largos para as *asas* fizeram descidas sobre descidas, em boas combinações. Os boavistas não acertaram na sua tática de passagens certas e rápidas, e o seu jogo resultou desligado e um pouco incaracterístico.

No primeiro tempo não se marcaram bolas. Os *goals* da segunda parte foram marcados, dois por Correia Dias e um por Catolino.

Esta vitória do Futebol Clube do Porto diz-nos, todavia, que o grupo tem fundo. E' que, reduzido a dez unidades, por incapacidade física de Camilo, a meio do segundo tempo, o *team* não acusou e falta. O Boavista também fez alterações, mas continuou a dar o mesmo fraco rendimento.

O Sporting, no campo de Coimbra, dominou por completo o seu adversário, o Vitória de Guimarães. Grupo que, fundamentalmente, tem mais folego e saber, não lhe foi difícil bater os rapazes de Guimarães, «onze» voluntarioso, mas sem a envergadura dos leoninos. Ainda por cima, e como que favorecendo os lisboetas, o *team* de Guimarães não mostrou talento tático, isto é, adoptou o jogo de acaso — não se preocupando grandemente com a marcação das unidades sportinguistas. Estas manobram à vontade, e com tal êxito que ao acordarem os vimaranenses, já estavam irremediavelmente batidos. Na concepção sportinguista, o tandem Peyroteo-Sidónio funcionou às mil maravilhas! O Vitória de Guimarães ainda fez alguns ataques de boa escola, mas a segurança do jogo de Cardoso encarregou-se de destruir todos os seus intentos. Entretanto, sempre que a máquina sportinguista funcionou — a sua perfeição de futebol veio ao de cima, tendo sido dominada a organização defensiva do adversário.

TRIUNFO EXPRESSIVO do SPORTING



Uma parada de Azevedo, sob vigilância da sua defesa



Um avançado vimaranense remata com força às rdes de Azevedo

EXCELENTE vitoria do ATLÉTICO!

Gregório embaraça a acção de Martins



Rogério procura bater a defesa do Atlético

Rosário não deixará passar Rogério



Baptista antecipa-se magnificamente e devolve de cabeça



O Benfica escorregou contra o Atlético. Quem não compreende o que é um torneio a eliminar deixa-se ficar em pasmo! Mas é possível acontecer isto: a eliminação do Benfica pelo Atlético? — Nós, que somos da bola, não surpreendemos. A Taça de Portugal representa a competição portuguesa das surpresas. Joga-se tudo em noventa minutos, e, num jogo só, por força do jogo, acontece o imprevisito. Seja qual for a espécie de comentários, digamos que está certo...

O Benfica teve o lenitivo de se ver coagido a fazer uma mudança radical e inesperada na sua defesa. A influência das actuações foi tão grande que vimos no Estádio Nacional um Benfica irreconhecível. Pelo contrário, o Atlético mostrou excelente organização. Os seus jogadores colocaram-se sempre devidamente, nos seus postos, revelando toque de bola a concepção de jogo. Foi particularmente notável a forma desembaraçada como os atléticos bateram Martins. Deve dizer-se que o Atlético foi, na verdade, o melhor team em campo. Protegido um pouco pela sorte? — Talvez, mas é preciso sorte para tudo.

Sob a arbitragem de Borges Leal, de Lisboa, os grupos alinharam da maneira que segue.

Benfica: Martins, Gaspar, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui, Aresnio, Jullo, Teixeira e Rogério.

Atlético: Correia, Baptista, Francisco Lopes, Rosário, José Lopes, Moraes, Micael, Gregório, Marques e Manuel Costa.

Correia saltou mas não conseguiu ganhar a bola, rematada por Teixeira. Todavia, neste lance, os alcantarenses foram afortunados



A vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

Os Jogos Olímpicos, como os Pílicos e os Nemeios, nasceram todos na Grécia Antiga, a Helade, perfumados pelo mel do Himeto e pelo odor suave das oliveiras.

Envolvidos numa atmosfera luminosa que o céu mediterrânico cobre e reveste de azul, informa a tradição que esses jogos foram criados em honra dos Deuses, para consolo e afastamento do seu magnífico lédio.

As divindades mitológicas, apesar da suprema essência que as impregna, possuem, também alguns vícios humanos e bocejam como os mortais...

Para um grego da Idade Antiga, vencer nos Jogos Olímpicos correspondia a penetrar vivo na imortalidade. O próprio tempo, impiedoso velho de longas barbas, passou, éle próprio, a contar a sua existência por olimpíadas, ou intervalos de quatro anos entre dois torneios consecutivos.

A lembrança de ressuscitar modernamente esta manifestação considerável do espírito grego, que se tornou positivamente fetra-franca da vitalidade das raças humanas, unidas fraternalmente procurando ser fortes e belas, deve-se ao Barão Pierre de Coubertin.

Portugal envia ao certame, desde 1912, os seus representantes. Sem que tenhamos alcançado louros excepcionais, o país figurou com dignidade e aprumo nessas recepções universalistas da plástica e da atlética.

Pensa-se reviver, no ano de 1948, em Londres, a tradição olímpica. Parece-nos indispensável e urgente principiar o estudo preparatório da representação nacional, se não quisermos brilhar pela ausência ou pela insignificância.

R. B.

BOXE

Um duplo Knockout

O combate de boxe travado em Londres entre os campeões Freddie Mills e Bruce Woodcock foi uma batalha violentíssima.

No fim dos doze assaltos, Woodcock tinha conseguido assegurar escassa vantagem pontual, sendo-lhe atribuída a vitória.

Dias depois do match, verificou-se que ambos os jogadores tinham sofrido enormemente com a dureza da pugna. O campeão dos pesados, Bruce, ficou com um olho em péssimo estado; o titular dos meios-pesados, além de outros mimos, ficou completamente pisado no corpo.

Até Setembro não podem voltar a combater.

Um novo campeão da Europa

No mesmo espectáculo em que Mills e Woodcock se massacraram a preceito, jogou-se o cam-

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Custo por número...	2\$00
3 meses, Esc. ...	26\$00
6 » » ...	52\$00
12 » » ...	104\$00

peonato europeu dos «meio-médios». Ernie Roderick, inglês, ganhou por pontos a Omar Konidri, francês, após 15 assaltos.

O titular antecedente era Marcel Gerdan, vencedor de Saverio Turicillo em 1939.

Resultados de Espanha

DACO BUENO, campeão de Espanha dos «pesados», derrotou o italiano Zazzari, por pontos, em Barcelona. No quarto assalto o italiano foi arrejado ao solo com um golpe.

Na mesma noite, o cubano Kid Tunero pôs fora do combate Eloy Laliente, ao 2.º assalto.

Em Valência, Luis Santiago adormeceu ao oitavo assalto o peso «leve» Caballero, enquanto que o italiano Livio Minelli ganhou por pontos a Pedro Ros. Este substituíra Llacer, impedido de comparecer por doença.

NATAÇÃO

Jany, nadador prodígio

ALEX JANY, o jovem nadador francês, continua a causar assombro. Raro é o domingo em que deixa de fazer menos de um minuto nos 100 metros!

Numa tentativa efectuada no sábado, percorreu a distância em 59 segundos.

HIPISMO

O Derby d'Epsom

ESTA corrida de cavalos, por certo a mais famosa de todo o Mundo, iniciou-se em 1780 e destina-se a poldros e poldras com menos de três anos.

O percurso, em forma de ferradura, mede exactamente milha e meia, cinco jardas (2418 metros).

Este ano, a maioria dos animais concorrentes eram ou filhos ou netos dum cavalo célebre, *Hyeronion*, vencedor da prova em 1933.

Estão neste caso Gulf Stream, Eduardo Tudor, Khled, Radiotherapy, Sky High, Sunstroke e Aldis Lamp.

Apesar da excelência do seu sangue, foi um colega sem colação que chegou à meta em primeiro lugar: Airborne, seguido de Gulf Stream, Radiotherapy e Eduardo Tudor. Tempo da prova: 2 minutos 44 segundos e 3/5.

O recorde da prova pertence a *Muhammad*, cavalo de Aga Khan, com 2-33 4/5, em 1936.

ATLETISMO

Nos Estados Unidos

OS melhores resultados da penúltima semana de Maio foram os seguintes:

100 jardas: Les Beach, 9.5 s.; 220 jardas: Mc Kenley, 20.8 s. e Les Beach, 21.1 s.; 440 jardas: Mc Kenley, 46.7 s.; Milha: Sink 4 m. 15.3 s.; 120 jardas (barreiras): Tate, 14 s.; 220 jardas (barreiras): Walker, 23.3 s.; Altura: Scofield e Hoffman, 1.98 metro; Vara: Winter, Jensen, 4.27 metros; Comprimento: Pederson, 7.57 metros; Peso: Coulter, 16.64 metros; Bangert, 16.60; Bangert, 16.60; Dardo: Chynoweth 64.36 m.; Martelo: Fisher, 51.26 metros.

FUTEBOL

Em Inglaterra

REUNIRAM-SE em conferência os delegados dos clubes que fazem parte da Liga de Futebol Inglesa, a fim de discutirem alguns pontos essenciais, interessando tanto aos jogadores e fiscais de jogo como ao público.

Ficou assente fixar o preço das entradas nos campos em 1 xelim e 3 dinheiros (preço de péão), ou sejam 6\$30 em moeda portuguesa.

A proposta do clube Bolton Wanderers, para que fosse proibido aos clubes alugarem os terrenos a empresas exploradoras de corridas de cães, foi aprovada, mas exclusivamente para as colheitas que não costumavam fazer. As restantes foi permitido prosseguir no negócio.

Também se assentou nos vencimentos a cobrar pelos jogadores, que serão de 10 libras semanais, no Inverno, e 6 libras e meia nos meses de Verão.

Finalmente, a assembleia resolveu punir com a multa de 100 guinéus (onze mil escudos) o Birmingham City, por haver retardado de uma semana o pedido de demissão da Liga Central, que lhe foi, também, recusada.

XADREZ

MAIS uma vez convidamos os nossos leitores a auxiliarem-nos na verificação dos problemas do nosso Concurso de Composição, enviando-nos as soluções e eventuais demelções — o que, a um tempo, lhes proporcionará certo treino para futuras provas. Por lapso saíram grahados os diagramas do passado n.º 180 — Sem Lema VI, a que falta uma Torre branca em b3, sendo branco o Bispo e 5. Chave: 1.Bb3; e «Lema Coko», a que falta também um Bispo branco em f8. Chave 1.Bc2.

O resultado do nosso Concurso Ibero de Soluções será publicado no próximo número.

Todos os anos, desde 1929, com a regularidade que é uma característica tradicional dos britânicos, a British Chess Federation (Federação Britânica de Xadrez) organiza, sob o controlo de F. F. L. Alexander, um grande Concurso Internacional de Composição, dividido em 3 secções distintas, publicando depois um interessante boletim divulgador, que insere habitualmente perto duma centena de problemas. O número de 1945 46 — o primeiro do após-Guerra — deve estar iminentemente. Foram vencedores, nos últimos torneios J. & T. Worton Smithall (vide «Stadium» n.º 177) e J. L. Rossetti. Montevideo (mate em 3 lances); H. F. Brandford, Enfield e J. Bachwald Nova York (mate em 2 lances); W. Heidenfeld, Johannesburg e W. H. Reilly (mate ajudado, 4 X).

Inserimos hoje o 2.º Prémio da secção dos «dois-lances», que apresenta 4 autoobstruções (self-block) que permitem *intercepção branca*, formando dois pares de dual *evitado*, de original concepção.

Vasco Santos

Soluções dos problemas anteriores

XXXVI — «Galito» — 1. Df3 am. 2. Dx 3. 4 pts.

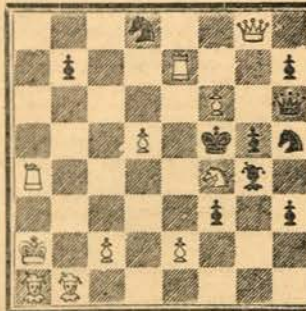
XXXVII — «Ling-Fu» — Insolúvel. Se 1. D3. Bcl. Vale 6 pts.

XXXVIII — T. & J. Worton — 1. Tg6. Vale 9 pontos.

Seilberger & Artz (extra-concurso). 1. Df2, bloqueio completo.

J. BUCHWALD

B. C. F. — 1944-45 — (Nova-York)



2.º PRÉMIO

2 X

Larsen venceu José Ferrer por pontos

Excelente propaganda

A **trova de xintos e o duplo êxito alcançado pelos ginastas espanhóis em Lisboa e portugueses em Madrid constituem a continuação de uma importância na nossa vida desportiva e, maior ainda, na actividade físico-educativa da nação iriã.**

Os espécimes de ginástica, tanto do agrado do público lisboeta, conhecedor e entusiasta, nunca tinham conseguido conquistar a simpatia popular.

Quando estive na nossa capital, o coronel Vierno, presidente da Confederação Espanhola de Ginástica, queixou-se amargamente das dificuldades que encontra para pôr de pé as grandes organizações nacionais; aos campeões nacionais do ano passado concorreram equipas masculinas e femininas de todas as províncias, as quais houve de reunir na cidade escolhida à custa de onerosos encargos de transporte e estadia. No propósito de encontrar qualquer compensação, decidiram os dirigentes federais celebrar as provas num recinto fechado e estabelecer uma pequena taxa de entrada.

No primeiro dia a receita pouco excedeu a centena de pesetas e as exhibições seguiram-se ante gradarias desoladoramente vazias, sendo-se a entidade organizadora na necessidade de rogar a sua primeira fila e distribuir profusamente cartões de convite, para assim reunir alguns espectadores que animassem os campeonatos.

Por essa mesma razão, e embora fossem pesados os encargos de organização, fora decidido que os dois sarauz luso-espanhóis de Madrid seriam de entrada franca ao público e, mesmo assim, os dirigentes estavam pouco convencidos da afluência de assistentes.

Afinal, sucedeu o que desejavam, mas não ousavam esperar: uma enchente formal do velho e raquítico Circo Price e tamanho entusiasmo que se arriscaram a modificar a primitiva intenção, organizando na noite do dia seguinte o segundo sarau com entradas pagas. E o público acorreu por igual, voltando a encher a sala de espectáculos.

O prestígio dos ginastas portugueses alcançou assim um triunfo expressivo, do qual nos podemos orgulhar, e os resultados puseram em evidência uma das mais interessantes facetas dos benefícios possíveis do intercâmbio peninsular: estímulo dos praticantes e estímulo do público, que, atraído pelo alitante da apresentação estrangeira, descobre preferências que ignorava.

O caminho está rasgado e pode levar longe; basta seguir-lo com segurança e decisão.

Palavras expressivas

Em duas entrevistas publicadas em jornais de especialidade, o actual presidente da Federação Espanhola de Futebol, D. Jesus Rivera Meneses, fez, à luz do futuro intercâmbio peninsular, interessantes declarações, que bem merecem algumas palavras de comentário pelo que contém de amistoso e pela forma lisonjeira para o prestígio do nosso desporto da bola como foram apresentadas.

De todas as suas afirmações, duas consideramos dignas de particular realce: a primeira é a afirmação de haver recebido do Chefe do Desporto Espanhol, general Moscardó, a recomendação especial de empregar todo o empenho na intensificação e estreitamento de relações com os portugueses; a segunda, é a promessa da sua visita a Portugal, para estabelecer com os nossos federativos o plano de actividades comuns e o acordo na actividade geral em tudo quanto possa trazer benefício ao futebol nos dois países ibéricos.

Este desejo de aproximação espontaneamente manifestado pelo ilustre presidente da Federação Espanhola, reforçado pelo gesto altamente significativo da sua vinda até nós, não poderá deixar de ser recebido com a maior satisfação por todos os desportistas portugueses, os quais verão assim destruídas todas as reservas possivelmente suscitadas pela longa série de contratempos e mal esclarecidos subterfúgios de que os antigos dirigentes do futebol vizinho se serviram para prolelar, até além da época, o jogo internacional que nos compete este ano.

As palavras do sr. Rivera Meneses, interpretando sentimentos de apreço e amizade aos quais se não pode opor dúvida, timbram pela sinceridade, que nelas se sobrepõe à cortesia; não são de favor, afirmam ele, os propósitos de aproximação hispano-lusa, mas sim de egoísmo, porque os espanhóis necessitam, por igual, do apoio e da colaboração do futebol português.

Posto o problema desta forma, temos o direito de crer que as relações futebolísticas entre as nações peninsulares vão, e sim, entrar em moldes diferentes, mais compreensivos da legítima posição de cada um dos interessados e segundo o rumo geral de todas as relações, em qualquer campo, mantidas entre ambos os países.

Esperemos que não tarde muito a regularizar-se a situação direccional do organismo superior português, para que possa efectuar-se, com todo o seu significado e intima segurança de resultados, a grata visita do presidente Jesus Rivera, embaixador da camaradagem e da compreensão ambicionadas entre os desportistas espanhóis e portugueses.

Vitória pouco convincente

A sessão nocturna de boxe, realizada no Parque Maier, foi apenas vulgar.

Executando o primeiro combate danístico, desenrolado entre Wilson e Sousa, os restantes caracterizam de entusiasmo e boa esgrima. Neste importante particular, o pugilista nacional recua de maneira clara, fez mal-se notar com nitidez flag ante a falta de bons professores.

Enquanto os nossos pugilistas estiveram entregues à inspiração pessoal, e por carência da vintística, apenas veremos pelos «ings» espécimes primeiros de pugilistas arcaicos.

Isto encontra-se já perfeitamente o baifo e super-avertido. Por conseguinte, passemos aos combates.

Jorge Larsen, campeão nacional dos pugilistas «meio-médios», ganhou por pontos a José Ferrer, no fim de 10 assaltos desmaiados e lentos, contra toda a expectativa.

Entre os dois homens havia vantagens opostas: o português levava a sua favor alguns centímetros de estatura e de envergadura; o espanhol possuía uns três quilos acima do peso do adversário.

Ferrer principiou o combate atacando sem grande convicção. Golpeou nos flancos de Larsen, cobrindo-se mal e levando alguns jobs na cara. No fim do período a vantagem do espanhol era mínima.

No segundo assalto, o domínio accentuou-se, mas o português foi perseguido com pouca convicção. Registámos, apenas, um marro às costelas, potente e ruidoso, no acitvo de Ferrer. Quanto ao moçambicano, manteve-se coberto, na mais prudente defensiva.

No terceiro round, Ferrer e Larsen, sem motivo aparente ou justificado, coíram em muitos corpo-a-corpo. Nesta posição, Ferrer aplicou alguns socos atrás das orelhas do português, sendo ruidosamente vaiado pelo público.

A famosa e apregoada combatividade do catalão, e o seu conhecido poder de golpe, ainda estavam por se mostrar até agora.

No quarto assalto, Ferrer atingiu o alto da cabeça de Larsen com um swing, que o derrubou por 9 segundos. Ao levantar-se do solo, faltava pouco para soar o timbre, mas Ferrer demonstrou falta de entusiasmo em tirar partido da queda do português.

No quinto, a passividade do pugilista catalão é demasiado flagrante. Guarda que Larsen ataque (como sucede, de longe em longe...). No final do período equivalem-se as vantagens obtidas por ambos.

O sexto assalto, mereceu crítica de parte do público, foi

algo movimentado. Ferrer applicou, no estomago e flanco do seu adversário, uma série de golpes, encaixando a seguir um marro no rosto. O português domina o seu antagonista e bate-lhe com certa doçura. Ferrer vai para o canto sangrando de uma ferida sob o olho esquerdo, Fel e m o dilimo, o melhor assalto de todo o combate.

No sétimo período a lentidão dos pugilistas avassalpa. Larsen executa alguns ataques e sangra também um pouco.

Nos três rounds seguintes, em particular o último, o domínio do jogador moçambicano aumentou, sem quaisquer rasgos dignos de nota.

A decisão foi atribuída ao português. No lugar do árbitro, nós teríamos exigido mais actividade dos pugilistas, avisando-os públicamente, por falta de apego à luta. Vimos o catalão entrar no terreno de Larsen, finter nos flancos e... cobriu-se de contra-ataques nem sequer esboçados.

Fez isto algumas vezes; demorou-se algumas vezes...

Entre o Ferrer que vimos lutar contra Larsen e o Ferrer que se bateu com Cerdan (e que fez um terceiro assalto magnífico de combatividade e boa esgrima...), há tanta diferença como o trigo do jiro.

Noutros tempos, aquilo que todos nós vimos renata-lhe uma maltezita.

In illo tempore, é claro...

O resto do programa foi sofrível. Abria a sessão um combate entre Carlos Wilson e Augusto de Sousa. O primeiro revela maior preparação e juventude, enquanto que o português se mostrou vagaroso e falho de interesse.

Um belo golpe «contra» derrobou Wilson ao 2.º round. Depois, tomou ascendente e merecia ter ganho a decisão pontual. O empate parecia-nos um tanto forçado.

Jesús Martos aguentou Cruz Passos durante oito assaltos e merecia a vitória. Para contentar gregos e troianos, registou-se outro empate entre os dois jogadores.

Suasa Júnior, irmão de Augusto de Sousa, ganhou a Dirz e muito bem, mas o combate entre ele e Martos era bastante mais equilibrado em peso.

Antes de terminar esta crítica, desejamos fazer uma proposta que deve interessar empresários e dirigentes. Como o Verão se aproxima, talvez convenha dar início aos combates um pouco mais tarde, de modo que terminem pela madrugada...

Desta vez, o espectáculo terminou pouco depois da 1 hora da manhã de terça-feira, hora imprópria para competições desportivas de qualquer espécie.

Rafael Barradas

assinem a STADIUM Stadium

O PAÇO de ARCOS e a sua lição de hóquei por terras de ESPANHA



O Paço de Arcos e a selecção da Catalunha



Henrique, Gomes, Jesus Correia e Correia dos Santos «Ilindram» um seleccionado catalão...



Uma admirável defesa de Emídio, contra a selecção catalã



Jesus Correia está no chão. Mas a jogada tinha seguido. De costas — Gomes

O campeão nacional de hóquei em patins, o simpático Paço de Arcos, fez uma viagem triunfal a Espanha, como já dissemos oportunamente. A nossa categoria «internacional» não sofreu a menor beliscadura, antes se afirmou, embora os nossos vizinhos espanhóis não pudessem marcar ainda lugar distinto na modalidade.

A superioridade do Paço de Arcos evidenciou-se amplamente, nesta viagem pela Catalunha. Esquecendo as suas vitórias mais ou menos expressivas, o campeão de Portugal pôde impôr-se tecnicamente, a ponto de merecer referências elogiosas, o mais elogiosas que é possível, como se verificará pela leitura de «Los Sitios de Girona». Eis o que nos diz:

«Se o jogo não decorreu como era para desejar, atribuímo-lo a esses maravilhosos de Paço de Arcos, artífices do patim e do «estic», mestres no ataque e na defesa. Completos em tudo. Os portugueses deram verdadeiramente a sua lição de hóquei. Jogaram como nunca vimos jogar qualquer equipa espanhola.

No nosso vocabulário de elogios, não há uma palavra justa que realce merecidamente o que os nossos olhos viram. Triunfaram da forma que quiseram, marcaram os golos que lhes deu a gana».

Não seria preciso mais nada para salientar a magnífica actuação dos rapazes de Paço de Arcos, vencedores em terras espanholas, e bons representantes do hóquei em patins nacional.

O nosso país, com justo orgulho, confirmou mais uma vez as suas possibilidades desportivas. Trabalha-se em profundidade, com decidido empenho, e o fruto desse trabalho aparece ao de cima, sem discussões e sem contraditores.

Após a chegada dos campeões nacionais era oportuno ouvir alguém que tivesse acompanhado a equipa. José Raposo, o sexto jogador titular estava em condições de relatar a «Stadium» alguma coisa do que se passou, e por isso o ouvimos há dias.

Disse-nos José Raposo:

— Todos os espanhóis que tiveram privilégio de nos ver jogar, ficaram satisfeitos com as nossas exhibições. Edigo «tiveram o privilégio», porque, em qualquer das partidas, ficou muita gente de fora dos recintos, contentando-se em ouvir o barulho da assistência. Depois dos jogos, conversando com elementos do desporto espanhol, constatámos que foi de facto proveitosa a nossa visita que, no dizer dos mesmos elementos, serviu de muita utilidade para o futuro da modalidade. Não era raro, no decorrer dos diversos encontros, a assistência empolgada com as jogadas dos nossos «oquistas», levantar-se e ao grito de «olé» entusiasmados, aplaudi-los delirantemente.

— Bravo! E que impressão lhe deixaram os oquistas espanhóis?

— O seu valor? Na opinião de diversos internacionais que nos acompanhavam, aproximavam-se grandemente dos belgas, se bem que, com menos experiência e, claro, menos saber.

«Quando partimos de Lisboa, não tínhamos quaisquer bases por onde nos pudessemos guiar a respeito do valor dos nossos vizinhos. A única informação que possuíamos era a de que há aproximadamente um ano tinham deixado de jogar com disco. O nosso subconsciente dizia-nos que não devíamos confiar muito no facto de só há pouco tempo jogaram com a bola. E foi certo! Patinam bem e com mais algumas competições «internacionais», farão boa figura pela certa. Estou convencido de que para o ano, se cá vierem disputar os campeonatos da Europa e Mundo, farão boa figura e não deixarão ficar mal colocados os seus padrinhos.

— Individualmente?

— Têm bons elementos. O girondez Serra, a médio e não a avançado é um bom jogador em qualquer «team». Os guarda-redes que nos foram opostos possuem valor, se bem que, desconhecimento das regras internacionais, praticam faltas escusadas.

O compartimento onde os jogadores são mais fracos é na defesa, pois qualquer deles não atingiu a craveira dos restantes elementos.

— Quanto a acolhimento...

— Todos os componentes da nossa caravana ficaram sensibilizados com o acolhimento cavalheresco com que fomos recebidos. «Nuestros hermanos» e, especialmente, os de Reus, foram gentis.

— Instalações?

— Possuem belos recintos de patinagem e pena é que não se realizem somente competições em patins, pois todas as pistas são muito escorregadias, prejudicando a beleza do jogo. Demais, é um facto condenado pelo regulamento internacional.

— Os espanhóis conhecem bem a modalidade?

— Nas arbitragens notam-se algumas deficiências motivadas pela falta de contacto com equipas estrangeiras onde o hóquei patinado esteja mais desenvolvido.

Sabíamos o necessário. José Raposo, disse-nos ainda que toda a caravana do Paço de Arcos regressara satisfeita, e também que os sensibilizara bastante a recepção do seu público.

E nada mais justo, evidentemente. O campeão de Portugal dignificara-se e dignificara o hóquei nacional.

Rodrigues Teles



Emídio, guarda-rede do Paço de Arcos devolve um ataque. Reconhecem-se Emídio, Gomes e Henrique



Pires ataca o guarda-rede elvense

Os mirkotos eliminaram o S. L. e ELVAS

Uma defesa decidida do guarda-rede Semedo



Um defesa famalicense em opulos



HAVIA grande interesse em ver em actividade o Famalicão, o grupo revolucionário da Taça! O Elvas surgiu, imponente na sua real força, e decidido a entrar a marcha do seu fogoso adversário do Norte.

Na primeira parte — 2-0 a favor do Elvas significava a morte dos de Famalicão. Neste período, os elvenses mostraram melhor organização e um poder de execução em frente das redes digno de ter em conta.

...E todos sabemos que a sua melhor força de ataque, pelo menos, no aspecto técnico, é Patalino. Eliminado o avançado-centro suplente da equipa nacional, por lesão, o Famalicão tinha a sua tarefa de certo modo facilitada. Quere dizer, a chamada sorte de jogo protegeu um dos grupos em detrimento do outro, mas isso é ainda futebol, nas suas incertezas, dúvidas e acasos...

Devemos afirmar, no entanto, que, no decurso da segunda parte, e com o vento a seu favor, o Famalicão produziu jogo de qualidade, todos os seus elementos ligando perfeitamente forças e esforços. O grupo insistiu no ataque, e a linha da frente tratou de dar expressão prática ao futebol de conjunto. O Elvas lutou com tenacidade — mas estava escrita a sua derrota.

Arbitrou Domingos Godinho, de Lisboa.

No domingo, disputou-se um jogo decisivo entre equipas de juniores, entre o Sporting, campeão de Lisboa, e o Benfica, segundo classificado. O vencedor seria oposto ao «team» mais bem classificado da zona Norte — que foi o Leixões. Apreciam-se em cima duas fases do jogo, junto das redes leoninas. Em baixo, o grupo do Colegio Militar, vencedor do campeonato escolar





Pedro Temudo foi um jogador da melhor categoria. Principiou no velho F. C. P., nas equipas infantis, e ali se conservou sempre, amador puro, a despeito do seu admirável valor.

Pedro Temudo, que no Infantil jogava a interior-esquerda, e algumas vezes a defesa, foi neste último lugar que conquistou as esporas de internacional e de campeão. Calmo, extraordinariamente correcto, incepeu de um acto menos digno, Pedro Temudo era senhor dos melhores simplices do público e até dos adversários.

Um dia, há anos, num desfilio Porto-Marítimo, disputado em Lisboa, e dirigido por José Travassos, Pedro Temudo foi expulso! O caso tomou força de coisa sensacional, conhecida a superior educação de Pedro Temudo, de uma família ilustre. O seu pai, o falecido coronel Afonso da Silveira Brandão Freire Temudo, presidiu, nessa altura, salvo erro, ao F. C. do Porto.

Explicou José Travassos, nessa altura, o motivo: Pedro Temudo agredira um adversário com uma bofetada. A sua surpresa fora tão grande, que perguntou ao excelente jogador português «por que fizera aquilo». Pedro explicou: «o madeirense insultara-o, de um modo velhaco, e ele não suportava insultos de tal quilate e ninguém. Era desportista. Travassos, conhecendo a sua esmerada educação, solicitou-lhe que fosse pedir desculpa ao adversário e ficaria no terreno.

«Isso nunca! Que o expulsasse, querendo. Pedir desculpa a quem não era correcto, dado o termo que empregou — nada!» Pediram-lhe os colegas, que o jogo era de campeonato. Pedro abandonou e tempo: «Sou desportista e não sei mentir!»

Pedro Temudo pertence a uma geração de jogadores que não teria primores de técnica, mas que se distinguiu pela nobreza, isenção e por um grande espírito de desportista. Eis aqui o seu perfil.

Era assim o simpático Pedro Temudo, dos mais brilhantes jogadores que passaram pelo F. C. do Porto.

Finalmente?

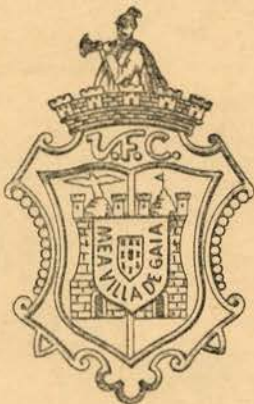
DEPOIS de tanta celeuma e da Associação de Andebol do Porto haver marcado falhas de comparência em série ao F. C. P., pronunciou-se a D. G. D. sobre o incidente levantado por causa do jogo Porto-Vigorosa nos seguintes termos:

1.º Anulação do encontro F. C. do Porto-Vigorosa e repelição do mesmo; 2.º Repreensão registada ao árbitro sr. António de Magalhães; 3.º Anulação das multas e castigos impostos pela Federação Portuguesa de Andebol e Associação de Andebol do Porto ao F. C. Porto; 4.º Repreensão ao Estrela e Vigorosa Sport pelos termos empregados na sua reclamação; 5.º Multa ao F. C. do Porto no montante das despesas de organização do encontro efectuado pela Associação de Andebol do Porto, que revertirá para a mesma entidade.

De tudo quanto se disse, até em sonoras entrevistas, ficou apenas a anulação do jogo, que terá de repetir-se.

Terminará aqui a «questão»? Ha quem afirme que o F. C. do Porto, a despeito de tudo, não concorrerá ao campeonato nacional, visto considerar bem ganho o seu primeiro jogo com o Vigorosa. E que a sua reentrada, no próximo ano, depende de diversos factores, e, entre eles, a certeza de não ser sistematicamente perseguido por pessoas responsáveis.

O VILANOVENSE



O Vilanovense Futebol Clube, o mais velho clube da vizinha vila de Gaia, comemora actualmente mais um aniversário da sua fundação.

O Vilanovense é digno dos melhores referências, dos mais largos elogios, visto que a sua obra desportiva tem sido admirada e justamente aplaudida por todos os sectores da região norte-nha. Foi fundado por elementos distintos, entre os quais é muito oportuno apontar Laurindo e Joaquim Grijó, Portugal, o falecido Manuel dos Santos, um orador e um jornalista da melhor fibra; e, depois deles, passaram pelo Vilanovense outros nomes valiosos do desporto: — Joaquim Rocha, seus irmãos, Patrício Cema, Augusto Valente, Calheiros Lopes, Fernando Rodrigues, Oscar de Carvalho, Caloline, Forno, Augusto Melo, Ferrez Carneiro — e muitos mais elementos, que têm contribuído

para a valorização do desporto na «meia vila» de Gaia. O Vilanovense F. C. pertenceu já à Divisão de Honra de A. F. Porto, há muitos anos. Foi também campeão regional da atletismo, quando na capital do Norte se não pensava muito na popular modalidade. O hoquel em campo foi lançado nos campos portugueses pelo Vilanovense, que fez várias viagens a Lisboa, para jogar com o A. C. P., Internacional e muitos outros percursos.

Além do futebol, do hoquel e do atletismo, o Vilanovense desenvolveu-se à prática do andebol, do basquetebol, da ginástica, do pugilismo, do «golf» americano, da natação — de tudo quanto interesse ao desporto. O seu campo de jogos é magnífico. Um verdadeiro Estádio em miniatura. Sempre que se visita o campo do Vilanovense, em Soares dos Reis, recolhe-se a melhor impressão.

O Vilanovense, de um modo indiscutível, é um verdadeiro clube desportivo. Merece bem que «Stadium» o felicite nesta emergência.

ACTUALIDADES

Os juniores do VASCO DA GAMA

NÃO perderam o campeonato nacional de basquetebol os jovens representantes do S. C. de Vasco da Gama. Em luta decisiva com o Vitória de Coimbra, e depois de eliminarem os fluvialistas, campeões portugueses, demonstraram os titulares que lhes pertence ainda a melhor classe.

Vê-se que o Vasco da Gama se preocupa com o trabalho em profundidade. E até com «pequenas coisas», como esta, por exemplo: — zelar pela boa marcha dos seus interlesses desportivos.

Tal como dissemos na devida oportunidade, o Vasco da Gama foi segundo no regional. Um golpe de eudácia afastou-o do título, mas os seus dirigentes, desportivamente, provocaram o alargamento da prova, que foi por isso bem mais interessante.

E o seu melhor «team» triunfou. Não deixou fugir o título máximo, e a maneira como venceu, por 58-15, diz-nos bem o que foi a sua tarefa.

Bravo!

A propósito: — quando se procura fundar a Federação?

UM dos club-s portugueses foi eliminado nos quartos de final. E' da lei. Também isso sucedeu logo na primeira jornada com outros de Lisboa...

Enfim — houve pelo menos a certeza de que vamos representados nas meias-finais.

Portuenses:

Assinem a STADIUM

MOSAICOS NORTENHOS...

A GINÁSTICA, como mais uma vez se tem dito, foi um tanto esquecida nesta cidade, embora o Sport mantenha ainda o «orgo sagrado». Preciso, entretanto, de se apresentar ao público, para sua eficaz propaganda, para neste ver.

Porque não se aproveita o entusiasmo de Lisboa? Porque não se promove, por exemplo, um espectáculo em que entrem o Gnásio Clube e o Lisboa Ginásio? O público responderia, com certeza, e a organização não daria prejuízos.

PARA a Direcção Geral dos Desportos seguiu um recurso da A. H. P., e vamos ver quem tem razão... Não queremos insistir aqui no caso. A seu tempo se verá tudo em «pretos limpos» e é melhor aguardar.

OS JUNIORES

portaram-se muito bem

A primeira jornada dos campeonatos regionais de juniores, favorecida pelo bom tempo apesar da brisa forte que soprava, deixou excelente impressão pelo comportamento dos participantes. Para não fugir a uma velha regra geral, só o lançamento do dardo foi de classe muitíssimo inferior.

Ninguém poderá ter dúvidas sobre a expansão crescente do atletismo e seus felizes resultados; o número de praticantes aumenta consideravelmente e, como a grande maioria manifesta vivo interesse pelas práticas da modalidade, necessitam preparação mais cuidadosa e os resultados melhoram na proporção.

O trabalho dos treinadores das equipas está sendo bem conduzido e a ele se deve a melhoria de marcas verificada.

A organização não esteve mal, mas podia estar melhor; apontamos, como principais deficiências, a relutância em dar simultâneo seguimento a corridas e concursos, apenas porque todos os dirigentes no campo querem ver tudo; a insuficiência de informações, que se resumiram ao estritamente indispensável; a falta de cronometristas para registar tempos além do segundo classificado; a pouca atenção de alguns juizes de concurso, que à sexta tentativa ainda perdiam tempo à procura da bandeira que correspondia a cada lançador.

A corrida de 80 metros não revelou valores novos: Mendonça, Pires Monteiro e Machado possuem já cartel na especialidade e foram, destacados, os melhores do grupo.

Mendonça progredia bastante, mas pareceu-me com pouco fundo; suponho que os 100 metros já serão demasiado longos para que mantenha a mesma velocidade; Pires Monteiro é excepcionalmente veloz, mas demasiado leve, e Machado ainda não recuperou a forma de há dois anos.

Nos 300 metros, só merecem citação os dois primeiros classificados; Domingos Canhão, transfigura de maiores distâncias, tem boa pista para a velocidade prolongada e os seus 37.75, com excesso período de trabalho, valem mais do que uma promessa. Pena da Silva, atleta menos frito, agradeou pelo seu estilo e pelo espírito batalhador de que deu prova concludente. A corrida de 500 metros foi invulgar e tirou o seu interesse da inexperiência dos melhores participantes.

Quaresma, o vencedor, lançou dois ataques em «sprints» quando ainda faltavam seis e quatro voltas para o fim do percurso; em consequência, estava esgotado no momento decisivo da luta; o belenense Branco manteve-se,

no contrário, em prudente reserva, atrasou-se cerca de trinta metros e acordou nas duas voltas finais, com uma embalagem incrível de quatrocentos metros, que o trouxe a um peito do campo.

Com maiores conhecimentos práticos, nenhum deles teria procedido como apontamos e, melhor graduado o esforço, talvez tivesse sido outra a sorte da corrida.

De emoção idêntica, mas solação inversa, foi a estafeta 3x1000 metros; graças a excelente prova de Garnacho, no segundo percurso, o Sporting distanciou-se e Castelo Branco partiu com vinte e cinco metros de avanço sobre Adriano Gomes, os quais manteve durante duas voltas e meia. Nos dozentos e cinquenta metros finais foi alcançado pelo rival e batido por um peito escasso. Os três homens cujos nomes citamos, sobretudo Adriano, devem ter estabelecido excelentes marcas individuais.

A prova de salto em altura teve óptimos resultados, pois Monteiro Baptista e Faustino Guerreiro transpuseram 1^m.75 e mais 5 outros rapazes 1^m.65.

Parece que no juri se levantaram dúvidas sobre a validade de algumas tentativas; creio que bastaria ler o texto da regra internacional para as desvanecer, mas os técnicos e dirigentes federativos, em ano e meio de gerência, ainda não tiveram tempo para publicar o regulamento técnico atualizado.

Os lançadores de peso mostraram grandes qualidades, mas escassos conhecimentos. O vencedor, Castelo Lopes, começou a prova a frio e não alcançou por isso o resultado de que é capaz; depois da prova regulamentar executou mais dois lançamentos e atingiu, em números redondos, 14^m.20 e 14^m.80.

Os homens do Sporting pecaram todos por pouca elevação na trajetória e, muitas vezes, deixaram escapar o peso por esquecimento de aplicar o golpe do pulso.

Finalmente, os lançadores do dardo mantiveram o nível dos seus predecessores: baixíssimo. Quarenta metros não é distância para se ganhar uma prova, mesmo de juniores. O maior defeito geral é o desvio do eixo do dardo no momento de disparar. Só Mário Lemos mantinha o projectil com firmeza na direcção devida, mas não o fazia subir.

No conjunto, a superioridade sportinguista foi destacada; um avanço de quase 50 pontos deve permitir que se enfrentem com relativa segurança as provas menos favoráveis da segunda jornada, como o salto à vara e a corrida de barreiras.

Salazar Carneira

Os dois BENFICAS

com Ramaldense e Académico

são concorrentes à «Taça de Portugal»

CONCLUIU-SE, no preterito domingo, o apuramento dos quatro clubes que hão-de disputar a Taça de Portugal, em hoquei em campo.

São eles: por Lisboa — Futebol Benfica e Benfica; pelo Porto — Ramaldense e Académico. Sòmente o último é estrangeiro em compelições do género.

O empate que o Belenense apenas pôde «arrancar», em Santo Amaro, contra o Atlético, deu imediatamente ao Benfica a segunda classificação no campeonato de Lisboa, e, por consequência, a entrada no torneio que vai seguir-se, já devidamente autorizado pelo sr. Director Geral dos Desportos.

Porque, mesmo derrotando o Hoquei Clube — que hoje defronta, o Belenense só pode somar igualdade de pontos com o Benfica — mas como perdeu e empatou (1-2 e 2-2), é relegado para o terceiro lugar.

E para disputa do segundo posto, no campeonato portuense, o Académico bateu o F. C. do Porto por 1-0, sendo, portanto, o apurado, com o Ramaldense e o Futebol Benfica — já campeões há três ou quatro semanas.

Uma curiosidade a registar: em qualquer dos torneios regionais, o titular mudou, pois Benfica e F. C. do Porto cederam o lugar conquistado em 1945.

Pedro de Montalvo

HIPISMO

A SEGUNDA JORNADA das corridas da Primavera

FOI menos brilhante do que a anterior a segunda jornada das Corridas de Cavalos da Primavera, que teve lugar no domingo, no Hipódromo do Jockey Clube.

Além do programa elaborado valer tecnicamente menos do que o da primeira jornada, houve em pista poucos cavalos, algumas provas mesmo muito poucas, factor importantíssimo, que roubou aqueles momentos de emoção e de entusiasmo verificados no primeiro dia.

Enquanto que se apresentaram 44 cavalos no primeiro programa, no de domingo apenas figuraram 27, e em das cinco corridas alinharam sòmente três concorrentes.

Hoje no entanto interesse em algumas das provas e presenciaram-se alguns momentos de boa luta, que o público aplaudia e que devem ser apontados.

Na primeira corrida, além da boa vitória de «Danquerque», com Miranda Dias, há a considerar o excelente comportamento de «Diabo», com Vitor Matos, que, apesar de partir com atraso, soube recuperar e terminar em

A Taça de Portugal é uma compelição a disputar em duas voltas, com jogos em Lisboa e no Porto, tendo as características de campeonato nacional.

Tem interesse — não sòmente no aspecto de compila entre regiões (as duas únicas onde o hoquei em campo ainda «vive»...), como até pelo luta de clubes.

Merece o auxilio pedido pelos directores dos dois organismos regionais — e também carece de empenho dos clubes directamente interessados; se assim não succeder, a compelição está condenada à morte prematura... e que pode muitíssimo bem vir a ter influência decisiva no futuro do hoquei.

O hoquei em campo — sem terrenos próprios e apenas praticado por jogadores já «gastos»: os novos não abundam e ainda não se criou na juventude portuguesa o gosto pelo modalidade! — é um desporto pobre; por isso mesmo é preciso olhá-lo com simpatia.

Não há dúvida de que a Taça de Portugal é um belo incentivo. Mas basterá? Pode ser que seja necessário mais — talvez compelições de juniores.

A «Mocidade Portuguesa» tinha neste campo, se quisesse, um papel de preponderância a desempenhar...

segundo, por pequena diferença do vencedor.

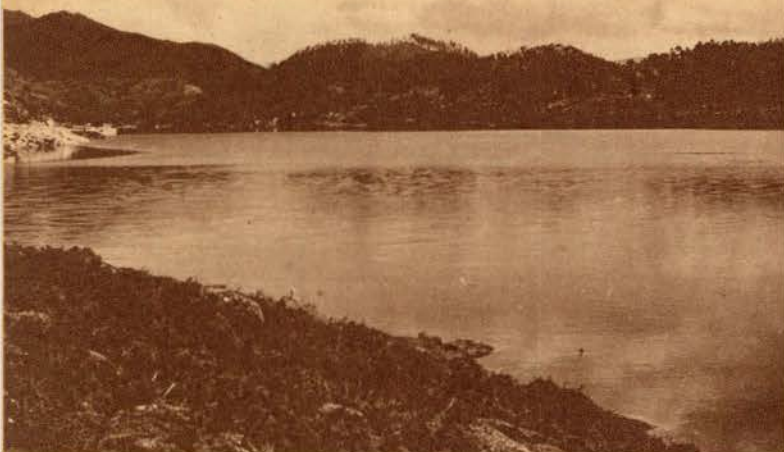
José Desidério, no «Esquecido», condizia sempre a segunda corrida e termina a três comprimentos de «Garfe», montado por Martinho Correia, contrariamente ao que muitos esperavam.

Teve pouco interesse a luta de «Flandre» e de «Dique II», aprestada s pelos «jockeys» da Estação Zootécnica, José Vicente e José Delgado, pela simples razão de não terem sério competitor, o mesmo acontecendo com «Sitar» e «Ninotek», montados por Norte e Adelino.

Na última corrida, a luta mais emocionante travou-se entre «Absténico» e «Bardor», respectivamente com H. Calado e C. Barrento, que resolveram o pleito na recta final e a um escasso comprimento a favor do primeiro.

A vitória valeu pela emoção final e até porque se calculava que o resultado fosse o inverso. Foram, no entanto, dignos adversários um do outro.

Antas Teixeira



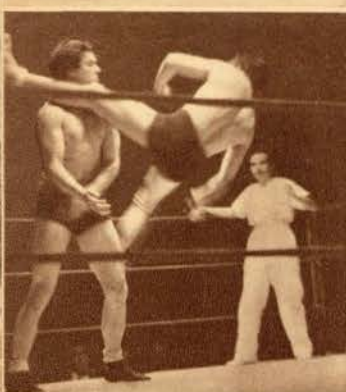
Descobriu-se no distrito de Braga, a uns tantos quilómetros de distância, uma albufeira maravilhosa para a prática do remo. A Federação Portuguesa, conhecendo bem de perto o local, estudando-o cuidadosamente, marcou para lá a disputa dos campeonatos nacionais, no dia 23. O concelho de Vila Verde, onde existe o albufeira de Ermal, vai ser teatro de uma competição importante, por certo admirável, visto que estarão presentes as melhores equipas nacionais — do Porto, de Aveiro, de Caminha, da Figueira, de Lisboa, do Barreiro...

Para atenuar a falta de alojamentos, preparará a Federação Portuguesa de Remo instalações necessárias, com o campismo por base. Fugiu-se dos grandes rios, dos centros mais conhecidos, mas o remo nacional nem por isso deixará de expandir-se e de impor-se. A albufeira do Ermal vai criar o seu nome, dentro de dias, o que valorizará o Minho no seu aspecto turístico, bem como o próprio remo, dadas as informações de que estamos na presença de um local aprazível e distinto para a sua prática.

Vê-se ao lado desta notícia um aspecto da albufeira do Ermal. E' desnecessário escrever mais sobre o caso. Nem fazer legenda. O leitor gostará, com certeza.



A organização «Clubes Unidos» promoveu no domingo provas de ciclismo, entre amadores e iniciados. Eis os concorrentes das duas categorias e o vencedor de amadores — Herculano Constantino, do Campo de Ourique. Ao lado — Henrique Calado, no «Abstinico», vencedor da primeira prova das corridas «Primavera»



Dois aspectos dos combates de luta americana, no Parque Mayer: em cima — Saturnio-Tabola; em baixo — um golpe de tesoura de Ramis a José Luis

Principlaram os campeonatos de atletismo, juniores. Vê-se: a equipa de 3 X 1.000 do Benfica, que estabeleceram novo «recorde» e uma chegada dos 80 metros

Regressaram de Espanha os corredores portugueses de bicicleta que tomaram parte na «Volta». Foram aguardados no Rocio por muitos admiradores



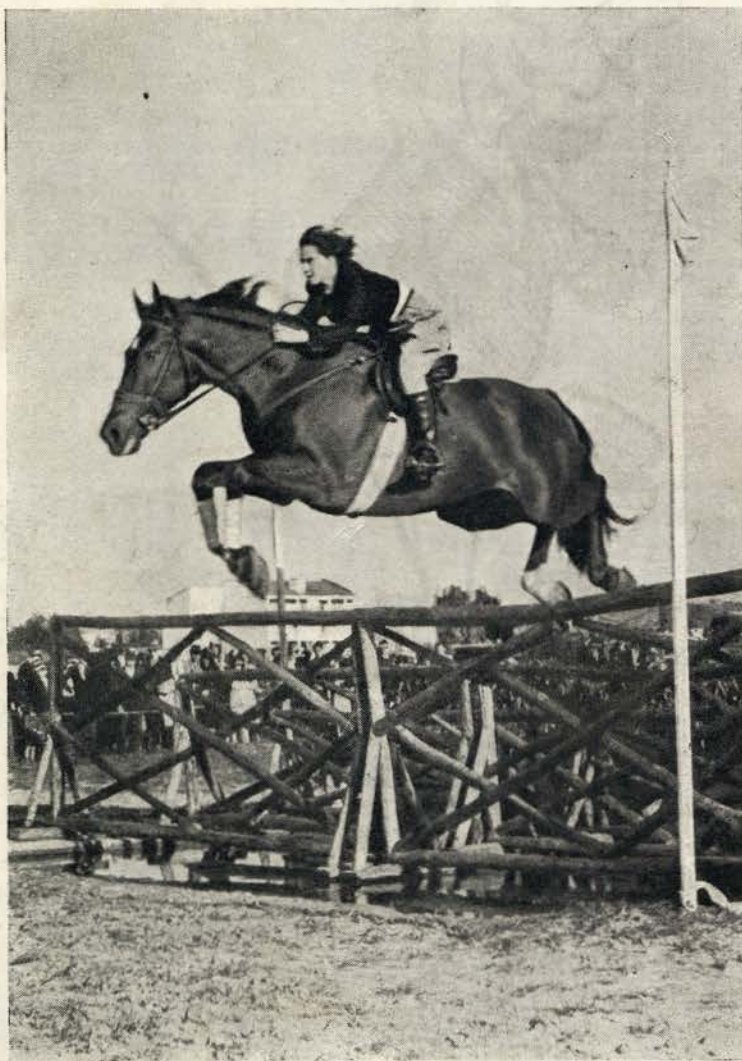
Outra caravana desportiva que regressou de Madrid: — os ginastas do Ginásio Clube e do Lisboa Ginásio, que foram entusiasmaticamente recebidos. Portugal é um país desportivo!

Depois de uma triunfal viagem por Espanha, chegaram há dias os campeões nacionais de Queij em patins, — o Paço de Arcoa. Eis a recepção



Stadium

A distinta amadora D. Maria Tereza
Ivens Ferraz, num magnífico salto



Esc. 2\$00